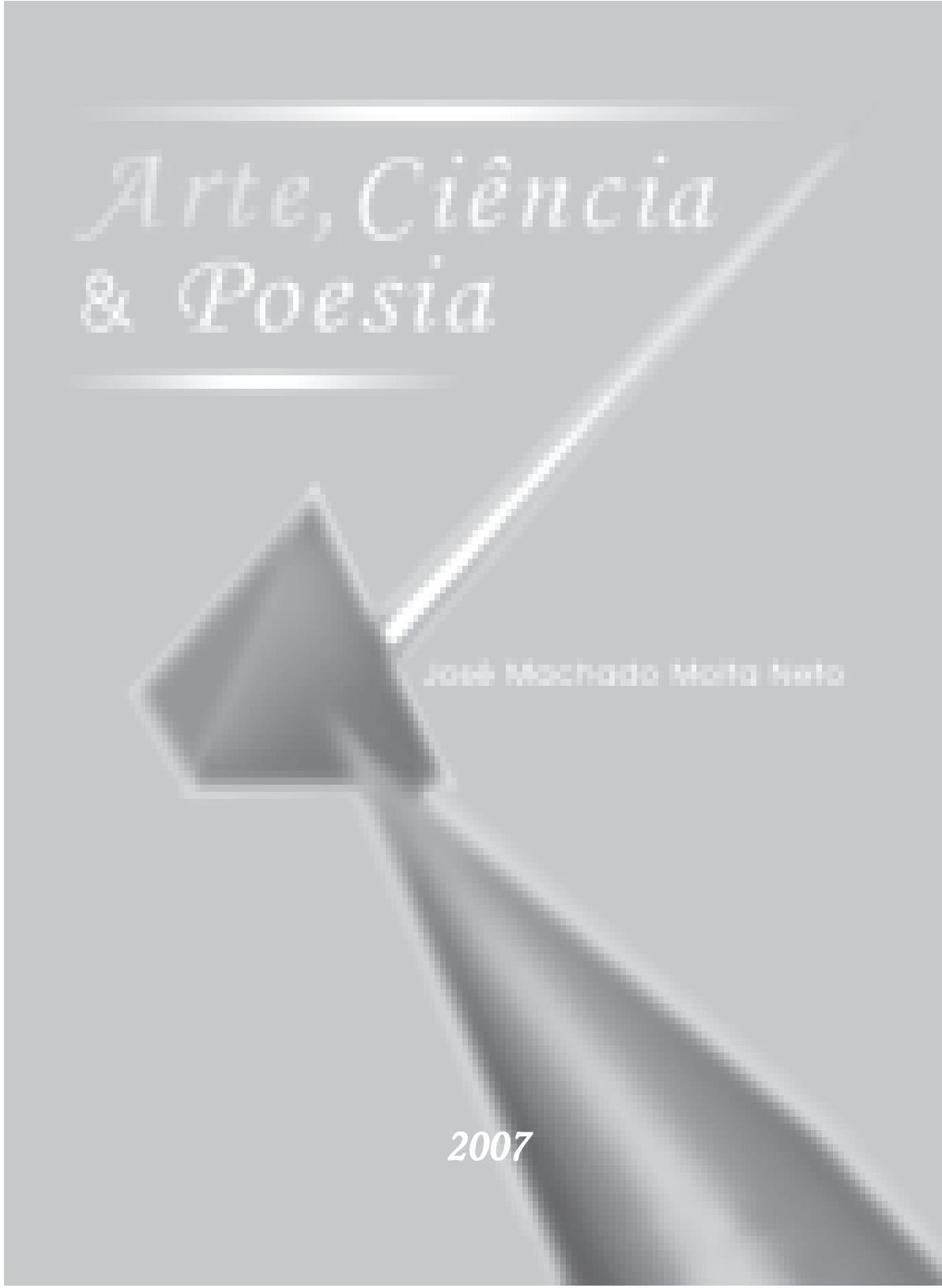




Arte, Ciência & Poesia

José Machado Malta Neto

2007

Produção	Editorial
Capa	Acácio Salvador Vêras e Silva Júnior e Francisco Xavier de Vasconcelos Filho
Projeto Gráfico	Acácio Salvador Vêras e Silva
Revisão Gramatical	Maria do Socorro Rios Magalhães
Organização e Projeto Editorial	Acácio Salvador Vêras e Silva
Diagramação e Editoração	Invista Publicidade
Impressão	Invista Publicações & Editora

Contatos com o autor

Endereço eletrônico jmoita@uol.com.br
 jmoita@ufpi.br

Celular (86) 9921.0902

Moita Neto, José Machado.

M715a

Arte, ciência e poesia. / José Machado Moita
 Neto. Teresina: Invista Publicações & Editora,
 2007.
 146p.

ISBN: 978859070050-0

1. Histórias do cotidiano 2. Opiniões sobre temas diversos
 3. Reflexões do dia-a-dia I. Título

Dedicatória

Aos meus pais

Edson Machado Moita (*in memoriam*) e
Nair Albuquerque Moita

A minha esposa

Graziella Ciaramella Moita

A meu filho

Giuseppe Ciaramella Moita

“Ser escritor é apoiar-se nas palavras para esgrimir com a vida, com a percepção do mundo e com as fantasias. É escolher uma trincheira especial de luta. É mover-se no terreno pantanosa da língua e no do quasi-dizer. É desvelar uma realidade ou obliterar um sentimento. É traduzir um pensamento confuso numa linguagem clara. É revelar o Homem ao homem de seu tempo. É capturar a humanidade existente nas selvas de concreto. É simplesmente gostar de escrever e de ser lido pelos amigos”.

José Machado Moita Neto

Sumário

Apresentação	9
Prefácio	11
A amizade dá ânimo	13
A barata de Clarice Lispector	15
A <i>causa mortis</i> do seu Zé Pereira	18
A Eucaristia e o bode expiatório	21
A morte	24
A Vida	26
Alegria proibida	28
Amigos com B	30
Amor confortável.	33
Angústia	35
Anti-Polyana.	37
Boa viagem	39
Bolor da História.	41
Caminhar com as incertezas.	43
Ciência e Deus	45
Arte, Ciência e Poesia.	47
Comunicação em tempos de Orkut.	50
Crônica Cretina.	52
Crônica de uma rua desconhecida	55
Deus continua vivo?	57
Dia dos Pais	59

Doxa et Marketing.	61
É amor ou amizade?	63
Emoção e Razão são categorias em extinção?.....	66
Geração Coca-Cola	69
Gosto e religião não se discutem	71
Graziella.....	74
José Machado Moita Neto.	77
Local e Data	80
Maria de Fátima	82
<i>Modus operandi</i>	85
Moro em Tersina – Piauí.	88
Mundo cão.	90
Natal.....	92
O ócio criativo – uma fábula D +.	94
O que não mata, engorda.	96
O ser humano precisa ser feliz?	98
Objetivos e metas	102
Os cumprimentos	104
Os sensores da realidade	106
Pena de morte	108
Qual a moral da história?	111
Registro de uma passagem.	114
Resolver ou dissolver.	117
Saudação.	120
Se tem que ser macarrão, que seja à pizzaiolo.	122
Sem título provisório	125
Sou do bem?.	127
Teimosia.....	130
Sinal de vida.	132
Solidariedade e Paz.	134
Teresina com S.	136
O trabalhador ideal..	138
Um diálogo virtual sobre a condição feminina.	140
Um presente inusitado	143
Notas do editor.....	145

Apresentação

Não recordo bem quando comecei a escrever. Precisei de coragem, pois a deficiência no conhecimento da língua pátria foi sempre um grande fator de inibição para falar e escrever. Tomei gosto. Era um modo de se expressar mais pensado, mais refletido. Sacrifiquei alguns colegas, amigos e familiares “obrigando-os” a ler o que escrevia. Algumas perguntas óbvias surgiram: para quem se destina este texto? Onde você pretende publicar?

Sem resposta precisa, resolvi criar um blog (<http://piscina.zip.net>), que alimentei com textos e reflexões pessoais durante o primeiro semestre de 2005. Também, por intermédio da amiga e jornalista Márcia Cristina, publiquei crônicas nos jornais locais. Contudo, a principal forma de divulgação era por e-mail. Muitas vezes passei textos ainda em estado “bruto”, para ajustá-lo após o comentário dos amigos. Giuseppe e a Graziella foram sempre leitores compulsórios do que escrevi.

Um novo direcionamento foi dado quando, durante a explicação da parábola dos talentos, o Padre Tony Batista citou meu nome dizendo que eu não podia esconder o dom de escrever e devia publicar um livro. Racionalizando a questão, vi que era um despropósito levar adiante aquela idéia. Já tinha muito

que fazer e não queria me preocupar com aquilo que para mim era apenas diversão. Mas por duas outras vezes ele me chamou para perguntar pelo livro.

Comecei a contar o número de textos que havia escrito, procurando um fio comum naquele material que nascera de maneira caótica e circunstancial. Não consegui. Pensei em separar todos aqueles que não continham nada de Química ou Estatística e coloquei o nome provisório de “Não Contém Química”. Depois, ao reler, vi que sempre citei muito minha cidade natal e pensei em outro título, “crônicas teresinenses”.

Repassei este material por e-mail para alguns amigos, dizendo que talvez um dia publicasse um livro com aquele conteúdo. O ato tinha apenas a intenção de me desobrigar desta tarefa de pensar em dar forma a um livro. Não tinha paciência para a empreitada dura que é cuidar da produção de um livro. A parte fácil e prazerosa de escrever já estava concluída. Não queria me preocupar com livro!

O aborto do livro já estava programado não fosse o professor Acácio Vêras que se propôs a prosseguir a caminhada. Certamente não era o seu doutorado em “Biodinâmica do movimento humano” que lhe dava cacife para a empreitada, mas a experiência acumulada na produção do Jornal Sapiência, durante a sua presidência na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí. Aproveitando-me de sua amizade, deleguei que ele se encarregasse de tudo. Com muita seriedade e competência, ele conduziu todo o resto até chegar aqui.

Gostei de cada crônica quando as escrevi, espero que vocês tenham o mesmo prazer ao lê-las.

Prefácio

Ouçõ com prazer, acompanhando cada gesto com admiração e, sobretudo, recolho no mais profundo da minh'alma, vivendo um certo êxtase, uma orquestra sinfônica, um madrigal ou até mesmo uma boa banda de música. É que faz-me pensar e até rezar, o fato de serem muitas vozes ou variados instrumentos, cada um fazendo bem a sua parte e, no final, acontece a beleza da unidade, uma afinação só!

Assim também vejo o universo dos homens. Todos recebemos do Senhor da Vida, dons e carismas próprios para o nosso crescimento pessoal, para a riqueza da comunidade e para a maior glória do nosso Deus. Desenvolver os nossos dons é dever e direito de todos nós. Não desenvolve-los é negligência e uma falta grave para com o Criador.

O meu amigo **José Machado Moita Neto** recebeu dons maravilhosos do Senhor. Especialmente encontro nele dos de silenciar, pensar e escrever com elegância, clareza e simplicidade. Portador de um belo caráter, ele coloca esses dons a serviço do bem comum, não se escondendo, mas ajudando-nos a pensar com seus artigos.

“**Arte**, ciência e **Poesia**” é uma prova do que falo. Neste belo livro, escrito com o coração, Prof. Moita aborda a pessoa humana no seu todo. Reflete a presença de Deus na natureza, na vida das pessoas, na família, com simplicidade. Traz Deus como um de nós no meio de nós. A figura de Maria é colocada sem arranhões, num enfoque teológico correto, sem lhe faltar com a ternura. O dia-a-dia da pessoa é abordado com a singeleza familiar. Traz o cotidiano sem cair no vulgar, fala do amor, da grandeza de Deus sem nos deixar vendo navios.

Obrigado, meu amigo, Moita, por este belo e rico presente, o seu livro “**Arte**, ciência e **Poesia**”. Ele fará bem a muita gente. Será lugar de reflexão e de aprendizado para os amantes de uma boa leitura.

Seu menor irmão,

Pe. Tony Batista

Pároco de Fátima

A amizade dá ânimo

Hoje muito cedo vi uma senhora, que passa o dia trabalhando de pé, de cócoras. Como esse comportamento não é o seu habitual, comentei, com meu companheiro, que ela parecia desanimada naquele início de manhã. Mas para minha surpresa, presenciei ainda outra cena. Vi chegar um rapaz que a cumprimentou. Neste momento, apoiada em sua mão, ela ganhou novas energias e ficou de pé. Abraçaram-se, trocaram palavras. Poucas, características de nossa sociedade da pressa, mas animadoras, características da amizade. Ela retornou à sua lida. E eu fiquei com minhas reflexões.

A amizade dá ânimo. Foi este o mote que refleti. Quantas vezes o cansaço desaparece diante de uma proposta ou programa vindo de um amigo? Qualquer local chato e desagradável fica suportável com uma conversa amiga. Numa competição esportiva, dentro do futebol ou de qualquer outro esporte coletivo, um time pode ganhar novo ânimo de seu líder ou do treinador, se nele os jogadores encontram um amigo. Até a derrota é menos amarga, quando estamos entre os amigos.

Talvez possamos inverter o discurso e afirmar que os estados de cansaço e desânimo, além de sua componente física, tem sua componente psicológica. E isso pode ser devido à

falta de amizade, daquela mão que levanta, daquele abraço que refaz as forças.

A palavra ânimo tem a mesma raiz latina da palavra alma (do latim *anima*), princípio de vida. Os seres inanimados não têm alma e lhes falta a vida. Os pacientes que estão quase sem vida precisam ser reanimados pelos médicos. Os desanimados estão temporariamente sem vida. Os animais têm alma, eles têm vida. Os animados transbordam a alegria da alma, que é princípio de vida.

O binômio ânimo-desânimo faz parte da vida humana. O próprio Jesus identificou isso em sua galera: “Vinde a mim, todos que estais cansados e sobre carregados, e eu vos aliviarei”. Talvez essa seja a imagem adequada da vida: todos andando e carregando o seu saco nas costas e, quando bate o cansaço ou o desânimo, algum companheiro de viagem coloca o seu saco no chão e alivia por uns instantes o amigo. Talvez só o suficiente para algumas palavras, para renovar as energias da caminhada. Depois, é só colocar novamente o saco nas costas e prosseguir viagem. Com novo ânimo, com nova alma, com nova vida.

Portanto, nessa vida é feliz quem faz muitas paradas para aliviar as próprias dores e as dores dos companheiros de estrada. No cristianismo, o companheiro de viagem não é só o amigo, é também o “próximo”. Por isso, o elenco das obras de misericórdia corresponde àquelas dicas que nos foram dadas sobre como ajudar os companheiros de viagem cansados e desanimados a ganharem novo ânimo, nova vida. Quem acredita nisso, tem a garantia de uma vida bem vivida, com um significado que ultrapassa a nossa curta existência terrena.

A jornada é pesada, mas... a amizade dá ânimo!!!

A barata de Clarice Lispector

A criação literária tem uma maravilha própria que o autor sequer sabe explicar. O leitor, no seu esforço de compreensão, compartilha aquele momento ao saborear o fruto doce ou amargo gerido naqueles momentos. Cada obra tem suas zonas de penumbras impenetráveis ao leitor, mas também ao próprio autor, que não sabe dar uma explicação conseqüente às diversas opções tomadas durante a obra.

Uma partida de futebol, com seus momentos, 90 minutos de duração, pode ter seu conteúdo resumido pelo placar: River 2X1 Flamengo. Mas como resumir o livro de Clarice Lispector **A paixão segundo G.H.**? A resposta absurda seria “uma barata foi esmagada”. Embora este acontecimento domine parte do livro, a criação literária não pode ser resumida assim.

Quando se quer mais informações sobre um livro, é comum se ler a pequena biografia do autor e a sinopse que fica nas orelhas do livro. Após terminar a leitura e conferir aquela sinopse, tem-se a impressão de que o redator não leu a obra completa ou teve um entendimento completamente diferente do seu. Talvez o redator resumisse o livro de Clarice dizendo: “a personagem principal (e única) foi para o quarto de empre-

gada e passou o dia lá”. O redator de orelhas, numa entrevista sobre o livro, teria que responder o que aconteceu com a barata esmagada. Mas isso seria fácil: “Ah! sim. Ela comeu a barata”.

Depois de ouvir dois colegas da área de humanas mencionarem o livro **A paixão segundo G.H.**, resolvi adquiri-lo para reduzir minha ignorância literária. De fato, nada relevante acontece no enredo. A personagem vai ao quarto de empregada de posse de grande quantidade de preconceitos para executar uma limpeza. Lá se depara com um quadro completamente diferente do pensado e tem uma experiência chocante de esmagar uma barata na porta do armário. Porém, mais chocante ainda é a ascética mística da personagem ao compartilhar a matéria com a barata.

Agora tenho o ônus de provar que a criação literária da **A paixão segundo G.H.** é mais que uma barata esmagada. É uma compreensão particular da vida neste mundo.

Nas penumbras da criação literária de Clarice Lispector escondem-se dois discursos: um antes e outro depois da barata. O primeiro de caráter filosófico sobre o silêncio que lembra o indizível de Wittgenstein e o segundo de caráter teológico que lembra o grito humano desesperado de Jesus: “Meu Deus, meu Deus porque me abandonastes?”

As coisas mais importantes da vida não podem ser ditas, fazem parte do indizível. Tudo o mais que fazemos, ciência, filosofia e outras coisas práticas da vida podem ser ditas, mas não são importantes. As coisas mais importantes que passam através de nossos pensamentos e de nossas reflexões, talvez frutos de um *insight* sobre o significado da vida, ficam na esfera do silêncio.

Querer dizê-las é tentar explicar a vida, é fornecer uma precisão científica ao que não é científico, afinal “viver não é preciso”. Não obstante, a vivência mística da experiência

humana em sua radicalidade é a própria convivência com este silêncio, que parece até um abandono no mundo. Não o abandono pelos que nos rodeiam, também, mas, principalmente, o abandono da criatura pelo próprio criador.

A vida sem sabor da personagem assemelha-se a de todos nós. O potencial de enfrentar tudo, até mesmo os mistérios da vida, todos nós o temos. A disposição de fazer isso em um só dia nos causa a repugnância, semelhante à inimaginável “comunhão” com a matéria da barata da obra de Clarice Lispector. Todos temos um quarto para fazer uma limpeza, nesse dia, o criador e a criatura se encontrarão.

A causa mortis do seu Zé Pereira

Ainda estava longe do carnaval, quando uma criança, alegremente, chega cantando: “viva o Zé Pereira, viva o Zé Pereira, que morreu de ...”. Ela interrompe o canto e grita para a mãe que estava na cozinha “mamãe, de que foi que o Zé Pereira morreu?”. Ela atarefada remete o problema ao pai. “Vá perguntar ao seu pai!”. A criança satisfeita cantou mais uma vez: “viva o Zé Pereira, viva o Zé Pereira que morreu de ...”. Aproxima-se do pai que está lendo jornal e pergunta “papai, de que foi que o Zé Pereira morreu?”. O pai conhecia a *causa mortis*, afinal foram tantos carnavais passados, mas preferiu arriscar em detalhes que desconhecia: “morreu de tanto comer”.

A criança satisfeita com a explicação saiu logo cantando em direção a cozinha: “viva o Zé Pereira, viva o Zé Pereira que morreu de tanto comer”. Mas parecia que a música não se encaixava. Sua mãe parou e disse: “meu filho, fale com seu pai e peça que ele explique direito, afinal ninguém morre de comer”. “Ele deve lhe explicar, pois não está fazendo nada, só vive com aquele jornal na mão”. A criança teria que arrancar a resposta certa do pai agora. “Viva o Zé Pereira, viva o Zé Pereira que morreu de ...”.

“Papai, ninguém morre de tanto comer! De que foi que o Zé Pereira morreu mesmo?” O pai sentia prazer com o jogo das palavras e não perdia a oportunidade de dar uma espetada com elas. “Quem lhe disse que não se morre de tanto comer? Foi bem sua mãe. Uma pessoa pode morrer de tanto comer. Aliás, pode morrer até comendo pouco. Por exemplo, o Zé Pereira morreu comendo pouco”. “Papai, eu quero a verdade” – disse a criança de modo incisivo – “o seu Zé Pereira morreu comendo muito ou comendo pouco”? O pai, diante de uma pergunta tão precisa, resolveu esquecer o refrão carnavalesco e revelou que “seu” Zé Pereira tinha morrido comendo pouco, mas a comida estava estragada.

A criança ficou tranqüila. Afinal o pai lhe dissera do que o Zé Pereira tinha morrido. Mas antes de retomar a música resolveu compartilhar o conhecimento com sua mãe. “Mamãe, o Zé Pereira morreu comendo comida estragada”. A mãe não se preocupou. Não estava errado. Comida estragada pode causar diarreia. E diarreia pode matar crianças e idosos. Então, diante da aceitação tácita da mãe, a criança retorna a música: “viva o Zé Pereira, viva o Zé Pereira que morreu de comida estragada”. A mãe ouviu a música e chamou a criança para corrigi-la. Mas preferiu usar uma linguagem mais técnica: “meu filho, a palavra Zé Pereira não rima com a palavra comida estragada. Peça para seu pai explicar isto, pois estou fazendo almoço e não fica bem conversar este assunto na cozinha”.

A criança não entendeu exatamente o que deveria perguntar ao pai. Afinal, se o Zé Pereira morreu de comida estragada, porque perguntar novamente a causa da morte do “seu” Zé? O pai já esperava o retorno do filho. Explicar sem responder era sua paixão e ele queria mais uma vez colocar à prova a inteligência do filho. Explicou então o que era rima. E deu até um exemplo grosseiro: “Zé Pereira rima com besteira”. O filho entendeu que não teria como obter a resposta completa do pai ou da mãe. E resolveu pesquisar por conta própria.

Na hora do almoço, a criança anunciou: “descobri do que o seu Zé Pereira morreu!” A mãe, temendo qual seria a explicação, desconversou. Mas o pai ficou curioso. Então, o menino assumiu o tom professoral herdado do pai e disse: seu “Zé Pereira” era pobre e idoso. Ele estava com “crise financeira” e então comprou comida estragada porque era mais barata e morreu com diarreia. Os pais, arrependidos por não terem esclarecido desde o começo, concordaram com a explicação. Então, após o almoço, a criança saiu feliz cantando: “viva o Zé Pereira, viva o Zé Pereira que morreu de ... crise financeira”.

A Eucaristia e o bode expiatório

Quando são perdidos os elementos culturais que nos ligam à tradição católica, percebemos que a própria fé é arrastada pelas problemáticas levantadas no mundo moderno. Sem referências culturais e também sem formação teológica adequada, os católicos vivem na formalidade e contribuem apenas para o censo estatístico. Ouvi um padre falar sobre a Eucaristia. Ele esclareceu alguns pontos desse mistério que não falavam na época que fiz a primeira comunhão.

A expressão “bode expiatório” ficou em nosso vocabulário para designar a pessoa sobre quem se faz recair as culpas alheias ou a quem são imputados todos os reveses. As expiações eram cerimônias religiosas com que se procurava aplacar a cólera divina ou purificar um lugar profanado. Os povos primitivos usavam o sacrifício de animais ou homens naquela tarefa. Mas qual é a ligação da eucaristia com esses sacrifícios antigos?

A formação de uma comunidade requer a relação dos homens entre si e com uma força suprema que os mantém unidos. O sacerdote é, entre os antigos, aquele que tratava dos assuntos religiosos e tinha o poder de oferecer vítimas à divindade. O gerenciamento desta ligação dos homens com Deus era

feito através do sacerdote. O ritual católico da missa é feito do mesmo modo de antigamente. É um sacrifício. Existe um bode expiatório na jogada.

A novidade do cristianismo é que esse sacrifício foi feito apenas uma vez com a morte de Jesus e o que se faz atualmente na missa é o memorial daqueles acontecimentos. Jesus foi o bode expiatório. Foi um sacrifício humano. Mas há uma grande diferença de todos os sacrifícios antigos para o sacrifício de Jesus. Ele era uma vítima especial, pois tinha as condições de carregar as culpas de todos os povos em todos os tempos porque era o próprio Deus.

Desde então, não há necessidade de qualquer outro sacrifício para aplacar a cólera divina. O sacrifício é sempre o mesmo e da mesma vítima - Jesus. Essa recordação do sacrifício de Jesus foi uma invenção dele mesmo, quando instituiu a Eucaristia. “Fazei isto para celebrar a minha memória”. Comungar é comer junto com os irmãos da comunidade o corpo e sangue de Cristo que foi repartido durante o sacrifício da missa.

Na época em que foram escritos os primeiros evangelhos, ainda existia o hábito de comer carne que fora sacrificada aos deuses. Os seguidores do cristianismo não faziam isto, pois tinham a Eucaristia. A Eucaristia era o cimento que unia os cristãos entre si e com Jesus Cristo. Portanto, a Eucaristia jamais pode ser uma formalidade. Deve expressar um desejo profundo de união com Cristo e com os irmãos que o comungam.

O batismo, a eucaristia e o matrimônio são os sacramentos que estão presentes em todas as igrejas cristãs. Mas há uma diferença de significado entre a Eucaristia da igreja católica e das igrejas evangélicas. Para os católicos, na hóstia consagrada existe uma presença real do Cristo (transubstanciação) e para os evangélicos, a eucaristia é principalmente recordação de uma presença (consustanciação).

Esta é a razão pela qual o catolicismo enfatiza mais a Eucaristia que as demais denominações cristãs.

O discurso sobre a Eucaristia parece anacrônico na sociedade moderna, porém, com um olhar mais atento, é possível enxergar quantos sacrifícios se faz a pequenos ídolos dos tempos atuais. Tantos outros deuses foram escolhidos e a eles se rende sacrifício: o corpo, o dinheiro, o poder, etc. Mas o que fica da Eucaristia para o homem moderno?

Independente de ele ser católico ou evangélico, crente ou não crente, Jesus morreu por nossos pecados. O mundo não precisa de mais vítimas, terminou a barbárie. Temos o bode expiatório. Para aquele que crê na Eucaristia, a tarefa é esforçar-se para viver na comunhão com os irmãos, sabendo que, da parte de Deus, ele quer é misericórdia e não sacrifícios.

A morte

Depois dos quarenta não é doença pensar em morte. Depois dos oitenta não é otimismo pensar em vida. Tombando sem causa ou com causa conhecida, lá se vão todos os amigos. Meu pai também já foi. A causa material da morte é a própria vida e a causa final da vida é a própria morte. Com fé ou sem fé, a morte chega, para enredar nova trama, para repetir o mesmo drama. No velório está o amigo morto e, entre os amigos, viva ainda é sua lembrança. A tristeza da perda, a dor da família, a solidariedade dos amigos e conhecidos, o burburinho de conversas alegres e mal disfarçadas. Isto é um velório, situação única de encontro que restou nesta sociedade da pressa.

Cada religião sabe o que acontece após a morte e eu através da minha também aprendi a lição. Mas lição maior que se leva na vida, é que a morte não é realidade distorcida. Colada na vida é a vida-morte e colada na morte é a morte-vida, todos são momentos da mesma existência que nunca se realiza. Quem vive não faz balanço, pois ainda existe vida para viver. No provisório da existência, presto contas a todos, mas só engano a mim mesmo. Confesso que meu coração ainda se angustia, pois nele mora uma nostalgia, que não se aplacou, nem com os pecados cometidos, nem com as virtudes cultivadas. É uma nostalgia a priori, a ser ceifada apenas na morte.

Pior morte que a morte é a ausência provocada pelas desatenções da vida. Matamos e morremos em vida pela inércia do perdão, pelo obscurantismo da razão, pelo dito em meio à emoção. O único consolo terreno do homem é o tempo que resta para a grande morte - a morte definitiva. Talvez ainda aconteça o inesperado: eu perdoe o que já devia ter perdoado, encontre misericórdia naqueles que deveria ter amado.

Vivendo afogado numa cultura, não vejo saída sem ruptura. A fraternidade sonhada será realidade futura, ou seja, utopia além da sepultura. Pessimismo é chamar a morte, otimismo é viver como forte, o meio-termo é apelar para sorte.

A Vida

Ninguém tem a competência necessária para enfrentar um título como o deste artigo. Sua conceitualização pela biologia, psicologia, sociologia, etc., mostra mais a deficiência no modo de conhecer a realidade por partes, próprio das ciências, do que um conceito operacional que possa ser útil ao homem de hoje. A vida não serve para ser definida ou conceituada, pois qualquer tentativa leva a redução de seu significado.

Caso o título fosse “meia-vida”, a tarefa seria bem mais fácil, pois há uma definição precisa dentro das ciências físicas. Meia-vida é o tempo necessário para que metade da massa de um isótopo radioativo se desintegre. Porém a vida não tem meia-vida.

Talvez, as visões holísticas possíveis tenham mais a dizer sobre a vida do que as visões fragmentadas. Além da ciência moderna, temos outros saberes que também informam sobre a realidade. As filosofias, as teologias e as artes em geral também captam a vida e sobre ela querem ter uma visão completa e definitiva.

Na filosofia, situar o homem como um ser para a morte ou como um condenado a viver é falar sobre a vida. Na fotografia, a imagem da luta dos famintos por sobreviver é falar sobre a vida.

Na literatura, divagar sobre a possibilidade das intermitências da morte é falar sobre a vida. Na escultura, representar uma mãe segurando o filho morto é falar sobre a vida. Na música, até os réquiens querem ressaltar mais a vida que a morte.

Todas as abordagens possíveis e variadas da vida se esgotam, quando delas queremos extrair mais do que podem oferecer. Contudo, beber na sabedoria dos povos ainda está na moda para o homem de hoje. De modo particular, os ocidentais têm seu livro de sabedoria e vale a pena consultá-lo. Jesus não faz definição da vida. Ele se define como a Vida. Ele podia dizer isto porque é Deus. E os outros homens como ficam?

Jesus tinha uma missão que abarca toda a humanidade: “eu vim para que todos tenham Vida e Vida em abundância”. Parece até que estamos diante de um conceito moderno de qualidade total: vida em abundância.

O cristão não pode se contentar com uma vida banal e sem sabor. Nele deve pulsar a vida, a vida cristã. A experiência de vida cristã é tão difícil hoje quanto nos primeiros tempos do cristianismo. Porém o desafio para uma vida plena ultrapassa as fronteiras do cristianismo.

O ateu, o indiferente e o crente de todas as religiões são chamados, enquanto homens, a dar plenitude a sua existência, a partilhar o dom da vida com os outros. O fracasso chama-se guerra, violência, fome, agressão à natureza, miséria, etc. Preservar a vida e a qualidade da vida para toda a humanidade é o grande desafio deste terceiro milênio.

Embora diante da vida não haja uma receita universal que oriente cada indivíduo, a nossa consciência moral reconhece sua importância e a necessidade de atitudes que garantam o nosso compromisso com um mundo melhor para toda humanidade.

Alegria proibida

No balão do São Cristóvão em Teresina, havia um comércio com o nome “Lojão Tem de tudo”. Embora a intenção do nome fosse apenas indicar a variedade ou a falta de especificidade daquela loja, era sedutor pensar que não se daria uma viagem perdida na busca de um produto. O análogo virtual, no momento, é o buscador Google (<http://www.google.com.br/>). Nele encontramos de tudo...

Colocando a expressão “alegria proibida”, apareceram tão poucos resultados que me incentivei a colocar assim este título. Mas a busca teve outro subproduto, num dos 28 endereços, encontrei um poema. A autoria é de Alfrânio, que nos blogs da vida, é um poeta sem sobrenome. Confira: <http://impressions.motime.com/1082721606#263226>:

Mas hoje sinto uma alegria proibida. Não posso estar alegre. Pois, apesar do meu coração estar feliz, a minha consciência me diz que a minha alegria é proibida. Os meus princípios são feridos, pois vejo aquela pessoa sangrar. Mas me desculpe estou alegre, sei que não poderia estar.

Deixando de lado a beleza poética desta alegria proibida, a expressão em si traz um incômodo vital. Como uma alegria pode ser proibida? De fato, quando imaginamos os momentos

de maior alegria da vida, sempre os associamos à presença de outra pessoa ou o compartilhamento em festa com a comunidade que nos rodeia.

A alegria de receber um resultado de sucesso no vestibular ou em um concurso não pode ser contida e é compartilhada com os amigos e os familiares, assim se repete com tantos outros momentos marcantes, como o casamento, o nascimento de um filho, etc. A alegria individual é transbordante e atinge círculos maiores, quando compartilhada.

A pessoa humana com suas teias de relações sociais é tão complexa que encontramos triste, quem tem motivos para alegria, e alegre, quem abunda razões para tristeza. Talvez, a dificuldade de expressar, com naturalidade, os sentimentos, tenha feito nascer a arte. Tem quem prefira dizer como Fagner ou Cecília Meireles: “não sou alegre, nem sou triste: sou poeta!”.

As expressões humanas de alegria e dor têm duas faces, uma própria e interior e outra mediada pelo contexto. Isto fica óbvio nas representações, onde o ator expressa aquilo que o papel recomenda. O ator expressa uma alegria ou tristeza que não vive no instante para desempenhar o seu papel.

Um vascaíno, no meio de uma torcida do flamengo, terá uma alegria proibida quando seu time fizer o gol. Abafará a exteriorização do seu sentimento interior por temor das circunstâncias. O mesmo vale para tantas outras alegrias proibidas, que, por serem proibidas, também são indizíveis.

A alegria e a tristeza são sentimentos humanos e, quer se queira ou não, devem ser mediados pelas relações sociais. Não é à-toa que existe um conselho bíblico de se alegrar com os que se alegram e chorar com os que choram.

Portanto, quem está triste ou alegre e não pode sê-lo, pode ao menos ser “artista”!

Amigos com B

Hoje foi dia de copiar os telefones para a agenda nova de 2006, ainda não terminei essa tarefa inglória. Perdi o hábito de escrever de tanto ficar digitando em computador. Além disso, as agendas de celular são tão mais cômodas, de tal modo que as convencionais em papel ficaram quase completamente obsoletas.

Comecei o serviço e já desanimei na letra **B**. De fato, não tenho na lembrança ninguém com a letra **B** para colocar na minha lista. O Beppe está no **G**. Do Bené, não sei o telefone, mas tenho o e-mail. O Batista ficou no **J**. Não tenho o número do Bento, mas se tivesse registraria como Oliveira. Nenhum banco é amigo para estar em minha agenda. Talvez até o final da tarefa ou do próximo ano ainda encontre um telefone para a letra **B**.

Até em letras mais difíceis consegui alguém para colocar. O Kinsley mandou um e-mail com seu telefone de contato e não perdi tempo, o **K** não ficará vazio. Por temor da letra **Z**, coloquei meu amigo de juventude, o José Rosa, é claro que não forcei a barra, pois todos o conhecem por Zezé. O **Q** também ficou sem ninguém, mas dele não posso lamentar. Se hoje é difícil arrumar amigos, imagine com esta letra. Além disso, pude colocar o telefone de meu local de trabalho, departamento de Química da UFPI.

O **H** não foi problema. Conheço dois Hélder e conheci uma jovem de nome estranho: Hilris. Por que será que inventam nome fazendo combinações de pedaços de nomes? Geralmente é uma mistura de homenagem com mau-gosto. Ainda bem que a Hilris teve o poder de transformar este nome horrível, à primeira audição, em um nome bonito. O Iônio não deixou o **I** vazio.

Para a letra **O** adotei uma saída mais simples, coloquei o número de algum orelhão importante. As letras aparentemente complicadas foram resolvidas sem dificuldade. Anotei o telefone do provedor **UOL**, meu filho estuda no **Yázigi** e tenho uma amiga a quem chamo de **X**, pois esqueceram um **r** ao grafar seu nome (Chistiane).

A letra mais fácil de encher uma agenda para mim é a letra **N**. Nessa letra poderia colocar mamãe (Nair) e todos os seus irmãos (~~Napoleão~~, ~~Nabor~~, Nabel, Nemézio) e suas irmãs (Nalba, Nelma, Nadir). Os tios Napoleão e Nabor fazem parte da agenda da saudade. Nesta agenda, a letra **E** transborda com um só nome: ~~Edson~~ Moita.

Nomes e amigos com **W** não faltam. A importação cultural de nomes nos deram os Wellington, os Washington, os Wagner e também os Willame (ou Williams?). De fato, meu problema mesmo é apenas com a letra **B**. Já estou terminando de copiar os telefones de 2005 e ainda não lembrei da letra **B**.

Tive alguns colegas e seus apelidos que poderiam figurar na letra **B**, mas o tempo ou a distância deixaram o Batgirl e o Batata fora de minha agenda. Parece até que tenho um bloqueio agora com essa letra, não me vem à mente ninguém com **B**. O jeito é pedir ajuda!

Tive a idéia de perguntar no MSN para algum dos contatos online um nome começado com **B**. Então, EUREKA, lá estava a Beth ligada. Puxa vida! que alívio, existem várias

Elizabetes (com diversas grafias) que poderiam ficar na letra **B**. Também conheço Bruno e Bruna, mas agora colocarei apenas a Beth, que me tirou do trauma de não ter amigos com **B**.

Já pedi o número da Beth Torres pelo próprio MSN. Sei que não vou usar. Afinal sempre trocamos e-mail, conversamos e trabalhamos pelo MSN. Agora posso encerrar a tarefa e este texto, pois fiquei com a sensação de ter amigos de **A** até **Z**.

Amor confortável

A palavra amor não combina com o adjetivo confortável, portanto “amor confortável” é um oxímoro. Talvez porque “confortável” não possa ser dito da própria vida do homem. Independente de suas posses, o homem sempre se desinstala (sai do conforto!) para sonhar com algo ainda diferente, conferindo uma dinâmica em sua vida que adquire sentido a partir deste próprio viver.

A imagem da abrasadora paixão que consome os jovens enamorados é o começo do amor e neste estado não há conforto. Há um desejo intenso de consumir-se a dois que só é aplacado pelos ditames da realidade que aponta formas objetivas do viver em comum. Então, chegamos ao amor. Mas não podemos ainda chamá-lo de confortável.

O amor não pode ser deixado de lado de nossa vida ou ficar confinado no tempo histórico de juventude. Mudando formas de expressão, mas sempre presente, ele traz o sabor ao nosso viver. Talvez daqui a quarenta anos eu tenha a sabedoria para expressá-lo de modo mais sublime, por enquanto acho que ele faz parte da luta diária por melhor qualidade de vida.

Sem dúvidas não existe amor sem compromisso e nem amor verdadeiro sem liberdade. A dificuldade de viver o amor

entre o compromisso e a liberdade é fazer um malabarismo utópico que não tem nada de confortável ou rotineiro.

Liberdade bidirecional e compromisso bidirecional esses são os balizadores do amor no século XXI. Compromisso unidirecional é cabresto. Liberdade unidirecional é hipocrisia. Amor sem compromisso não significa liberdade, mas imaturidade. Amor sem liberdade não significa compromisso, mas escravidão.

Mesmo o amor fraterno ou o amor cristão, não têm nada de confortável. A expressão que traduz o maior amor é a doação da própria vida.

Apesar do “desconforto”, não há alternativa para o ser imperfeito que é o homem, senão o amor como orientação primeira de sua vida, sua utopia. Amar é continuar a evolução que nos separa dos animais. Ninguém ama por instinto, mas pode ser violento por instinto.

O amor é um modo bastante desconfortável de construir o mundo e a própria vida, mas o único com o qual somos capazes de sonhar.

Angústia

Passou da meia-noite e ainda não veio o sono. Confesso isto diante desta folha eletrônica. As notícias do dia foram variadas e deve ter alguma que agora me angustia. Não sei se é uma angústia própria ou pela situação dos outros. O mesmo que nos torna fraternos e humanos também nos faz sofrer. Não consigo identificar! Não é arrependimento pelo feito. Talvez alguma omissão gritante que sequer percebo pelo endurecimento do músculo cardíaco.

Numa perspectiva coletiva, o conflito é o motor do progresso. Numa perspectiva pessoal, a angústia é fator de mudança. Quero mudar e estou mudando, mas preso ainda ao passado, por isso me angustio. Apenas uma parte do ser quer a mudança, o resto todo me segura. O novo não surge e o velho teima em não desaparecer. Como era tranqüila a vida quando a roda nos arrastava. Quando ainda estávamos no cabresto de outros que nos orientavam. Parece até que a liberdade é um fardo pesado.

Como é estranha a platéia dos programas de auditório, o público dos estádios ou os passivos telespectadores de milhares de aparelhos de TV do Brasil. Vivem os dramas e sucessos dos outros. Eles não se angustiam, parecem anestesiados pelas

certezas daqueles momentos. Mas o que acontece entre dois shows, entre dois jogos, entre dois capítulos de novelas...

Como modelar uma vida entre a incerteza angustiante e a certeza imbecil? Viver não tem a precisão científica e, se tivesse, eu não acreditaria. Como ousar ainda arriscar um conselho a alguém, se devo beber da experiência de todos para superar meus impasses? Mas quem não os têm? Por que preferimos a solidez da fachada à face humana de uma busca constante de felicidade?

Os caminhos de angústia são trilhados por todos os homens, mas onde estão eles expressos na nossa cultura? Que respostas encontraram as gerações precedentes? Como se esconde a angústia nos ditados populares? Talvez tenha virado apenas sabedoria de vida. São conselhos práticos de minimizar a angústia, contudo, sem mencionar esta palavra incômoda.

Talvez esteja na poesia, escondida nas palavras que compõem um sentimento. Talvez esteja nos romances, escondida em muitas entrelinhas. Talvez esteja na pintura, escondida num sorriso dúbio. Talvez esteja na música, escondida mesmo num som alegre mal disfarçado. Talvez esteja na escultura, escondida numa pétrea perfeição. Mas disfarça-se principalmente em algumas alegrias desproporcionais de nosso cotidiano.

A angústia é um bem crônico que nos move a desabafar a discordância em viver no mundo de injustiça e de falta de fraternidade. Pode nos afundar em patologias intimistas, mas pode também nos descortinar uma ânsia incontida de tudo mudar. Pode nos remeter na azeda crítica contínua do mundo, mas pode também nos transformar em otimistas inveterados.

A angústia é própria do viver humano, saber conviver com ela faz parte do heroísmo de ser homem neste século XXI.

Anti-Polyana

A leitura do livro **Polyana** é quase uma obrigação de uma determinada fase da vida para receber o entusiasmo necessário para enfrentar, com altivez, os reveses inúmeros que cada homem sofre ao viver em sociedade. Sem dúvidas, procurar ver os acontecimentos bons do mundo ou fazer o “jogo do contente” é uma forte arma contra o pessimismo em relação à vida. Obviamente desde que isto não leve à alienação.

O filósofo Leibniz dizia que vivemos no melhor dos mundos possíveis, mas logo encontrou a ironia mordaz de Voltaire, através do conto *Candido*, que ridicularizou sua visão de mundo. O viver não comporta técnicas. As concepções de mundo só são efetivas, se nos ajudam a manter-se na adversidade.

Na nossa vida diária, freqüentemente alternamos bravura e desespero diante das circunstâncias. Precisamos, portanto, adquirir o equilíbrio necessário para nos manter sãos. Contudo, é possível encontrar pessoas que são verdadeiras anti-Polyana. Em todos os acontecimentos conseguem ver o pior da pessoa humana e permanecem sendo azedas por toda vida. Só irradiam desencantos em todas as conversas. Não são críticos, são mesquinhos para com o dom da vida.

Nenhum pessimista se reconhece como tal. Ele se disfarça de um profundo realista. Para ele, o conhecimento do mundo e suas armadilhas é a chave do entendimento de suas ações.

Estas pessoas precisam ser ajudadas a enfrentar a vida com mais bravura. Se tivessem lido a “Canção do Tamoio”, saberiam que “Viver é lutar. Se o duro combate, aos fracos abate, aos fortes, aos bravos, só pode exaltar.” Nesta vida estamos condenados a sermos bravos, para não cair na depressão, que é o mal deste século que se inicia.

Certa vez, um amigo me segredou um insucesso numa prova muito importante em sua carreira. Eu resolvi parabenizá-lo pelo ato de coragem de assumir abertamente aquele resultado, pois atualmente prefere-se encontrar falhas nos processos ou nos outros do que na insuficiente preparação ou na falta de condições pessoais objetivas para o êxito.

Os insucessos ocorrem em todos os campos da vida humana e são maiores quanto maiores forem os sonhos e as expectativas de êxito. Consulte a biografia de qualquer grande homem e façam a soma de seus fracassos. Seria desesperador, se não fosse sua tenacidade em prosseguir, apesar dos reveses.

Os pessimistas sofrem de uma espécie de azia do espírito. Tudo lhes faz mal. São incapazes de admitir o próprio sucesso sem acrescentar uma conjunção adversativa (mas, contudo todavia, etc.) para continuar a frase. Nada lhes agrada por completo, nem por um instante.

De minha parte, prefiro ser mais otimista que pessimista. Ou para compensar excessos, sou otimista com os pessimistas e pessimista com os otimistas. Entre a alienação otimista do mundo maravilhoso e o pessimismo militante, estão todos os pobres mortais que batalhamos nesta vida.

Talvez o conselho aristotélico, a virtude está no meio (na tradução latina: “In medio est virtus”), seja um bom guia neste assunto. Mas, como no meio, também está a mediocridade, prefiro o ditado popular “nem oito, nem oitenta”.

Boa viagem

Assim desejamos que tudo transcorra bem com aqueles que prezamos: **boa viagem**. Mas os sentimentos não vão, eles ficam escondidos naqueles que pronunciam “boa viagem”. Alegria, tristeza, mágoa ou alívio - o que será que passa na cabeça de quem diz boa viagem? Quem viaja tem uma convicção: no balanço dos próprios sentimentos, a viagem é a melhor opção. Quanto mais desejada a viagem, mais amores deixados no destino. Quanto mais curta a viagem, mais amores deixado na origem.

A saudade não aparece na saudação de boa viagem. Ela é fruto do confronto da ausência. É bem verdade, que muitas vezes, ela sucede ao alívio. São os primeiros momentos que ficariam bem caracterizados como uma “saudade aliviada”. Mas nos dias seguintes, passado o alívio, chega à saudade. Ela não vem como sentimento. Ela aparece como coisas, como procedimentos, como espaços vazios. Mas ela se consola no retorno marcado, no dia calculado do regresso.

Mas existe saudade pior. É a saudade na presença. A saudade daquilo que existiu e não existe mais. Esta não cura pois não há regresso marcado. O dia não pode ser calculado para aquilo que mata a esperança. A filosofia de Heráclito diz que não se banha duas vezes no mesmo rio. A termodinâmica

confirma que águas passadas não movem moinho. A sabedoria popular conclama a não chorar sobre o leite derramado.

Outra saudade que angustia é a do nada que se vivencia. É à vontade de ter alguma saudade. A saudade que parece nostalgia do tempo bom que nunca se viveu. Esta saudade é a pura fantasia. Traduz o desejo de ter um sentimento forte – nem que seja a própria saudade. É o desejo da pura saudade de quem, vivo, espera ainda mais outras razões para viver.

Há ainda a ausência da saudade. Aqueles que tendo motivo de ter saudade, preferem queimá-la na pira de uma realidade dura. Acreditam que é possível extinguir os sentimentos pois estes denunciam apenas a fraqueza humana. Acontece quando uma fantasia vivida não se transformou em realidade. Mata-se o onírico, perde-se a saudade e se cria uma nova realidade. Talvez boa para animais e não para homens.

A morte demarca um início de outra saudade. Mas esta pode ser vivida em sintonia com a vida. Esmaece com o tempo, pois não se deseja o reencontro. Ele chegará, mas não acontecerá aqui. Não sabemos o dia ou a hora.

Bolor da História

Surpreendi-me ao ouvir, no editorial de um telejornal, a expressão “bolor da história”. O apresentador usou-a para, como futurólogo, classificar o destino de um fato da política brasileira. Fiquei incomodado com a clarividência daquele profissional e resolvi refletir sobre o assunto.

Ao consultar as definições da web para bolor, encontrei: “espécies de fungos que se desenvolvem na superfície de materiais, produzindo estruturas de reprodução, que conferem à superfície a aparência lanosa ou empoeirada.” Uma superfície empoeirada evoca sempre o tempo ou, pelo menos, o intervalo de tempo da última limpeza.

A História é uma disciplina que trabalha com acontecimentos sucedidos no tempo e a escolha de seus objetos de estudo são condicionados pelos interesses presentes. Um acontecimento presente pode não vir a ser história, e apenas constituir uma fina camada de poeira na superfície do caminho do homem.

O faro jornalístico para notícias capta, condicionado pelos interesses presentes, aquilo que é relevante para o presente. O tempo é o inimigo do jornalista. As notícias “envelhecem”. O nascimento, crescimento e morte de uma notícia acontecem, em média, em 24 horas.

Há muitos fatos históricos e suas respectivas interpretações que, ao olhar atual, deveria fazer parte do bolor da História. Contudo, ao analisar o feito mais perverso do homem ou mesmo seu feito mais heróico, qual deles não é eminentemente humano?

A História não é o reino de anjos ou de demônios é o percurso do homem que chegou até os dias de hoje. Muitas vezes enfeita-se o passado para torná-lo mais glorioso. Classificam-se comportamentos e hábitos com a visão de mundo que são da atualidade, mas nada disso tira o brilho dessa ciência.

A atualidade só pode ser entendida dentro do tempo histórico, por isso a importância dessa ciência. Os fatos sociais, desencadeadores de transformações históricas importantes, muitas vezes não podem ser percebidos como tais, pois precisam do julgamento do próprio tempo. O hoje nunca é tempo histórico.

Na vida ninguém faz História, só quem faz a História é o historiador através da pesquisa e da interpretação qualificada do passado. O mesmo acontece conosco. Os fatos de hoje podem não fazer parte de minhas memórias no futuro.

A História pode sempre propor um fluxo de fatos, idéias e pessoas, baseados na pesquisa e no entendimento de que a História é uma interpretação humana, que deve ser sempre reconstruída.

Muitos acontecimentos atuais certamente farão parte do “bolor da história”, mas não estamos em condições de classificá-los ainda como tal.

Caminhar com as incertezas

Saber enfrentar as incertezas é apontado por Edgar Morin como um dos sete saberes necessários à educação do futuro. Pode parecer estranho isso, mas, olhando o mundo capitalista, o que mais se vende atualmente é a certeza. De fato, a certeza foi sempre um produto em falta para a vida humana.

Mas, se a incerteza é inerente à condição humana, por que não ensinar a enfrentar as incertezas? A resposta é simples, tanto tempo mergulhado no determinismo teórico e prático fez com que as incertezas vividas todo o sempre pelo homem fossem camufladas. A insegurança e a incerteza estouram em todos os compartimentos da vida humana, mas, contraditoriamente, vão gerando novos mercados.

O que acontece comigo se fico doente? Caso precise fazer uma cirurgia muito cara? Os planos de saúde vendem certeza! O que acontecerá com minha família, se eu vier a falecer? Faltará dinheiro? Os seguros de vida vendem certeza! O que pode acontecer, se a nossa residência for assaltada? E, se estivermos em casa neste momento, o que acontecerá? As empresas de segurança vendem certeza!

Parece que há na sociedade uma fobia à incerteza que está entranhada em nossa cultura, que leva a transformar a

certeza em valor. Basta pensar em tantos produtos, cujo marketing usa as palavras proteger, proteção, etc. Desejam vender a segurança, a certeza em todos os aspectos da vida humana. Além disso, as poucas certezas reais da vida, como o envelhecer ou a morte, são negados ideologicamente pelos diversos artifícios da ciência e da técnica. Porém, a certeza capitalista é excludente, pois nem todos podem comprar seus produtos e serviços.

As certezas eternas do envelhecimento e da morte, apesar de tudo, continuam inabaláveis. E as demais incertezas, apesar de todas as precauções, continuam pregando peça em todos. Parece mais verdadeira que nunca a frase: “tudo que é sólido se desmancha no ar”. Então, a proposta de Morin é melhor que a proposta comercial, que prefere vender certezas duvidosas para tudo.

Embora cotidianamente convivemos com poucas certezas, o mundo só valoriza as pessoas que têm plena segurança e quem vacila é excluído. Ou seja, impera a mentira ideológica da certeza e da segurança e não a verdade humana da incerteza e da insegurança. Mas é preciso admitir as muitas incertezas para valorizarmos as poucas certezas da vida.

Uma nova leitura da história humana pode identificar, em todos os campos, o triunfo da incerteza sobre as certezas.

A proposta ousada de andar “sem lenço e sem documento” não é concebível para os adultos de nossa geração, mas temos que aprender a viver na escassez e na fartura e ensinar isto as próximas gerações. Neste milênio, as mudanças parecem mais rápidas do que nunca e toda mudança carrega mais incertezas. Enfrentar as incertezas na vida pessoal, na sociedade, na política, etc. é difícil, mas será a marca do homem equilibrado deste terceiro milênio.

Ciência e Deus

Toda cultura tem uma expressão religiosa e não existe povo que não tenha deixado marcas de seus ritos de comunicação com o transcendente. Isso é prova bastante para mim da existência de Deus. Mas o conhecimento de Deus e da Verdade é sempre através de uma mediação humana e por isso este Deus aparece com tantas caras e atributos, que são mais frutos da criação humana que da realidade transcendente que deseja expressar.

No cristianismo, a mediação humana foi exercida pelo próprio Deus na figura de Jesus Cristo. É dele que sabemos que Deus é amor, que devemos amar nossos irmãos. Isso é o que Jesus queria dizer quando se definiu como Caminho, Verdade e Vida.

Há uma historinha na bíblia que fala da árvore do conhecimento do bem e do mal. O homem pode ter tudo e de tudo usufruir, mas deve preservar-se de querer conhecer o bem e o mal. A teimosia em fazê-lo marca o nascimento da humanidade. A construção da cultura pelo trabalho e pelo suor leva à organização da sociedade onde é preciso existir as normas que buscam identificar, sem o auxílio divino, o bem e o mal. Daí nasce a ética.

A ciência, como mostra a sua história, longe está de ser uma busca da Verdade. Ela pode ser vista como a busca da interpretação da realidade do mundo físico e, em muitos

assuntos, ela é uma reconstrução alienada dessa realidade. O cientista é um homem e está sujeito a todos os condicionamentos históricos culturais da comunidade em que vive.

A visão da Ciência, como sendo capaz de resolver todos os problemas humanos, está agora ruindo com o fim da modernidade. A característica da pós-modernidade, se é que já ultrapassamos a modernidade, será a de uma ciência sem verdade. A filosofia da ciência está ajudando a ciência, este saber entre tantos saberes, a encontrar seu verdadeiro lugar no mundo dos homens. Não mais como ideologia mas como atividade humana comum. Importantíssima em nossa civilização, mas que não nos dá uma resposta ao transcendente.

O fim da visão ufanista da ciência, da ciência positivista, já foi decretado pelos apóstolos da pós-modernidade. Também entre os cientistas há uma clareza sobre os limites do conhecimento científico, embora, estrategicamente, não se faça nenhum esforço para colocar esta atividade humana em seu devido contexto.

A representação da realidade pela ciência difere da representação da realidade de qualquer fé religiosa, pois enquanto a ciência não mais crer no conteúdo de verdade de seus achados científicos, as religiões trazem uma visão de mundo que funde a realidade material e transcendental

O caminho em ciência é a metodologia e não há ciência que não tenha sua metodologia. A verdade da ciência é mera proposição de representação da realidade empírica. A vida da ciência é o nascimento e a morte contínuas das teorias explicativas do mundo.

Arte, Ciência e Poesia

Uma obra de arte transcende o próprio artista e sua geração. É uma obra do homem e da humanidade, é uma visão de mundo completa, mesmo que seja uma cena corriqueira de caça do homem primitivo, como as da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato, no Piauí. Uma obra de arte, diferente de uma teoria científica, não é ultrapassada. Modifica-se o gosto de uma época, se faz e se refaz em diferentes poéticas, mas sempre existirá um artista que quer comunicar a sua humanidade para o próprio homem e nisso é compreendido.

A obra científica tem características diversas. Sua construção é desgarrada do próprio homem sem, contudo, sua geração e contexto de criação se separar da sociedade que o cientista está imerso. Grande foi Aristóteles, mas existiu um Galileu. Grande foi Galileu, mas existiu um Newton. Grande foi Newton, mas existiu Einstein.

Assim caminha a ciência: com poucos gênios, pouca inspiração e muito trabalho para explicar o mundo físico e tendo mais dificuldade, ainda, para compreender a sociedade e o próprio homem. A ciência é um serviço árduo que encontra continuidade em gerações, em linhas de pesquisa, etc. A ciência é uma tarefa sempre inconclusa.

A obra científica é por natureza truncada na percepção do todo. Talvez diga muito, de modo preciso, sobre pouca coisa. A hegemonia da ciência quer domar a arte para que ela mesma seja uma ciência ou uma técnica. Será o fim da apreensão global do mundo.

Haverá sempre artistas, como tantos, que cantaram o mundo que vêem, como Patativa do Assaré, e até o mundo que não vêem, como Cego Aderaldo, ou que imprima na madeira uma visão religiosa de mundo, como mestre Dezinho, para renegar a arte-ciência ou a arte-técnica e anunciar, com sua obra, uma visão completa de mundo.

Ciência e arte são modos diferentes de apreensão da realidade. Mas a arte desvela e esconde a um só tempo. A ambigüidade da linguagem artística é a própria ambigüidade do ser humano. Assim acontece com a poesia!

A poesia tem uma virtude que a ciência não tem: consegue abarcar a totalidade da expressão humana através de uma linguagem turva e ambígua, que só adquire transparência e clareza com o tempo. O tempo é a chave de todos os enigmas, pois nele cresce o conhecimento e a sabedoria da interpretação.

É claro que apenas os destinatários (ou a destinatária) terão a compreensão integral das palavras ou frases do poema. A compreensão de um poema é fruto mais da intuição e da vida do que de uma interpretação das palavras e das frases. O poeta sofre quando é chamado a explicar sua obra. Ele pode explicar o contexto de criação.

Poesia não se explica, se compreende (no tempo!). Os achados científicos devem ser explicados, os achados artísticos devem ser compreendidos. Na arte, antes da compreensão existe a fruição. É gostar, sem identificar as partes, é

compreender o todo sem conhecer a técnica ou saber da inspiração artística.

Uma obra de arte é como um presente qualquer bem embrulhado, tem uma significação em si, mesmo antes de abrir o pacote e olhar o conteúdo. Dependendo do artista (e da musa inspiradora!), a obra de arte, constitui-se em um novo presente com mais significação ainda.

Comunicação em tempos de Orkut

A internet oferece diferentes tipologias de comunicação que se renovam em modismos que rapidamente desaparecem, ficando a lembrança para os historiadores destes primórdios da virtualidade oferecida pela informática. A efemeridade característica do meio e a não convencionalidade da forma, não podem ser empecilhos para pesquisar o novo mesmo sob o risco da pesquisa ser atropelada pelo novíssimo.

Embora a superficialidade dos meios comunicativos, oferecidos pelo ciberespaço, não tenham ainda sedimentado em formas facilmente categorizáveis, é certo, no entanto, que o homem que se move e se inscreve ou se expõe nestes meios muda lentamente. Um estudo sociológico destas formas de comportamento encontrara os arquétipos que expõe, de maneira subliminar, as vísceras da sociedade e os espaços sociais de seus interlocutores.

O Orkut é uma ferramenta de comunicação singular que já encontra concorrências, mas ainda não se estabeleceu nas dimensões de sua potencialidade. A novidade própria desse meio é a teia aberta de relações que se estabelecem através de amizades e comunidades temáticas.

A descrição dos perfis, numa auto-revelação muitas vezes fantasiosas, mostra mais pelo que não dizem do que aquilo que pretendem revelar. Uma transparência maior é encontrada nas comunidades que cada usuário do orkut pode aderir sem compromisso algum, pois estampam as múltiplas identidades coletivas idealizadas pelos internautas ou o vazio de perspectiva de mundo. No mural de discussão dessas comunidades há pouca ou nenhuma discussão dos seus membros, assinalando que o papel daquela comunidade é construir uma auto-identidade, mas sem compromisso de coesão social.

A exposição pública dos recados traz apenas manifestações corriqueiras de apreço e cordiais lembranças de datas comuns de aniversário, natal, etc. Os depoimentos escritos numa linguagem moderna ainda por se sedimentar, parecem feitos sob encomenda e enaltece a vulgaridade do viver humano ou as relações de amizade, companheirismo ou parentesco.

As fotos constituem um tópico à parte, pois não seguem qualquer padrão racionalizável, vai da ausência a super abundância de exposição. Apesar disso, é a parte mais interessante do orkut para identificar algum amigo cujo nome completo ou trajetória profissional se perdeu no tempo.

A declaração de idade é sempre falsa para garotos com idade inferior a dezoito anos. É comum encontrar jovens de “dezoito” ou “dezenove” anos com gostos musicais ou pertença a comunidades típicas de adolescentes de treze anos..

Estas pinceladas gerais estão longe de apontar o novo ou o comportamento social de seus usuários. O que chama atenção nos dados demográficos é que o fenômeno orkut é brasileiro (65,8%), de pessoas com menos de 30 anos (74,1%) e modificou o hábito dos navegadores da internet. Agora está na hora da comunidade científica olhar o fenômeno e dele se apropriar para melhor entender esta parcela da população que navega com desenvoltura usando o espaço virtual.

Crônica Cretina

Alguém me chamou de cretino, durante uma conversa virtual, e achei que se tratava de um insulto despropositado ao momento. Simplesmente me desconectei da conversa até compreender melhor o acontecido. De fato, é comum o emprego de palavras de maneira equivocada, quando se pensa saber o seu significado. Essa foi a razão pelo qual meu interlocutor teve o benefício da dúvida. A minha aversão a palavra “cretino” se deu porque na minha cabeça existia uma idéia pejorativa desse adjetivo.

Nos dias seguintes, tentei resgatar da memória exatamente o que significava ser um cretino. Não me veio nada convincente sobre o real significado dessa palavra, apenas algumas imagens de conversas a que assisti, quando escutei alguém qualificar outra pessoa como cretina, acrescentando tantos outros adjetivos para completar um quadro apavorante do caráter da vítima. Desse modo, não foi possível resgatar, através do exemplo, o que exatamente significava a palavra “cretino” mas apenas eliminar, por completo, a possibilidade de ser algo agradável.

Nunca precisei qualificar ninguém de cretino, talvez por não saber exatamente do que se tratava. Agora está na hora de entrar no mundo dos que sabem dar sabor amargo a essa palavra e lançá-la sobre os outros como uma ofensa das

mais desprezíveis. Mas devo ter cuidado, pois posso cair no mesmo erro de meu interlocutor, pois para cada situação existe um adjetivo correto, um politicamente correto e outro ofensivamente correto. O primeiro se aplica aos amigos, o segundo aos desconhecidos e o terceiro aos inimigos. Em qualquer dos casos, o significado do adjetivo tem que ser adequado ao interlocutor.

Em situações como esta não resta outra solução que procurar no dicionário, mesmo sabendo que o significado de uma palavra é dinâmico e pode ser alterado pela comunidade de falantes de uma língua. Na minha vida já procurei várias vezes palavras no dicionário principalmente por entender que seu uso estava equivocado. Na maioria das vezes, constatei a elasticidade de significado que não me permitiu conclusões outras além de que o contexto na qual foi pronunciado uma palavra guardava a chave de explicação da mesma.

Talvez não tivesse aqui gastando esta manhã, se a conversa com meu interlocutor fosse *tête à tête* (face a face), pois logo compreenderia o significado da palavra cretino, já que teria como acompanhamento os seus gestos e a sua expressão facial. Além disso, qualquer erro de gradação do adjetivo cometido por meu interlocutor logo seria corrigido, quando ele percebesse minha reação a suas palavras.

Durante o jogo de futebol temos isso com clareza, pois levamos em consideração o contexto de produção dos adjetivos (clima emocional) com os quais nossos companheiros qualificam a nossa pouca habilidade futebolística. Também o juiz o sabe e não leva em consideração o que a platéia comenta sobre a senhora sua mãe durante o seu desempenho na arbitragem. Fora do jogo, o contexto é outro e as mesmas palavras soariam ofensivas ao extremo.

Após todos estes preâmbulos e não querendo permanecer na ignorância fui consultar o dicionário para encontrar o

significado da palavra cretino. O Aurélio que tenho na ponta dos dedos (ou seja, a versão eletrônica) me diz que cretino é a pessoa que sofre de cretinismo (doença). Como não imaginei que meu interlocutor estivesse detectando qualquer problema em minha glândula tireóide, que caracteriza o estado mórbido provocado pelo cretinismo, passei para outro significado. Encontrei os adjetivos pacóvio e idiota.

Agora, posto o caso, fica meu interlocutor com o ônus de explicar sobre a adequação do contexto a aplicação daquela palavra “cretino” com a qual me qualificou.

Atenção amigo, não quero uma explicação cretina!

Crônica de uma rua desconhecida

Hoje, por uma salutar teima com a rotina, após deixar o filho no colégio, resolvi caminhar na rua que morei durante vinte e cinco anos e que deixei a tantos outros anos. Planejado desde a saída de casa, coloquei a bermuda, o tênis de caminhada e uma camisa (de caminhada?). Naquela rua por onde já passei tantas vezes de carro depois que a deixei e onde ainda tenho parentes morando, a probabilidade para qualquer novidade era quase zero. Aventura sim, desde que seja de risco zero. Assim fui apreendendo a construir uma proteção de segurança nas minhas ações.

Perfazendo caminhos tantas vezes percorridos na infância e na juventude não encontrei vestígios do passado. As pessoas desapareceram ou se mudaram. Muitas das casas residenciais viraram clínicas ou pensões. Ninguém joga mais bola na rua pois se tornou perigoso. Restou apenas alguma clínica ou escritório com nome ou sobrenome conhecido de um ex-residente de nossa rua.

Mas não precisava ter caminhado pela rua, por dez quadras, para saber disto. Tenho ali uma casa alugada para uma pensão. Talvez no futuro venha ser clínica ou escritório do filho ou de algum sobrinho. Contudo, aconteceu uma coisa que só era possível

fazer quando estamos caminhando e desarmado da pressa. Vi uma senhora conhecida, mãe de um colega de colégio.

Ela limpava a calçada com aquela tranquilidade de viver ali por mais de quarenta anos. Cumprimentei-a e perguntei por seu filho. Foi o suficiente para restabelecer laços que nunca foram mais fortes que os geográficos (vizinhança). Fiquei sabendo de sua família e informei da minha.

A conversa foi sem pressa e com aquela atenção de quem se preocupa pelo outro e quer participar da vida do outro. Isto sim é algo do passado que precisamos lamentar o seu desaparecimento. A sociedade atual está presa agora ao individualismo e à intimidade extrema, e parece até crime se importar com os outros.

Quem saiu do centro de Teresina e se exilou em algum recanto da zona leste, sente a falta dos vizinhos e passa o resto da vida recebendo as notícias dos que foram tombando pelo tempo ou pelo destino, até o dia em que também será notícia.

Uma rua tem dinâmica e vida próprias que ultrapassam os seus residentes novos ou antigos. Pela rua passa a cidade. Passa Teresina. Passam o carro e o transeunte. Passam a vida e a morte. Passa a riqueza e a miséria. Passam o vício e a virtude. Passa tudo. Passa o tempo. Mas fica a nostalgia no velho que não desapareceu. Nos poucos hábitos que foram conservados.

Mas toda rua tem uma identidade própria, e quando muita “viva”, cada quarteirão tem sua identidade também. A rua de minha infância e adolescência era assim. Os “territórios” podiam ser demarcados pelos trajés. Na minha quadra sempre andei sem camisa o tempo todo. Até duas quadras de distância colocava a chinela “japonesa” e uma camisa no ombro. Mais adiante vestia a camisa.

Ainda bem que a cidade foi invadida por migrantes, que reproduzem na periferia, aquele estilo de vida que existia no centro de Teresina 30 ou 40 anos atrás. Uma cidade precisa pulsar vida em algum recanto, senão vamos viver gelados nesta terra quente.

Deus continua vivo?

O avanço da ciência e da técnica não melhorou a compreensão do mistério do ser supremo para a vida do homem. Os homens primitivos identificavam Deus nas forças naturais que não conheciam a origem. O homem moderno, detentor de tantos conhecimentos, procura as palavras da ciência para caracterizar o ser supremo: é uma força, é uma energia, etc.

O fenômeno religioso é comum a todos os povos e não existe sociedade, atual ou primitiva, que não apresente a crença em um ou mais seres superiores ao homem. A religião nasce, quando a crença se estrutura e estabelece seus ritos e doutrinas, fazendo parte da formação cultural de um povo. Toda religião sofre o desafio de conviver com o seu tempo e de fornecer respostas às indagações dos homens.

Não há dúvida de que as religiões são construções humanas e como tais existem, porque o homem necessita delas. A civilização ocidental foi marcada pela hegemonia do cristianismo de tal modo que toda crítica a religião pode ser dirigida diretamente às igrejas cristãs e, mais particularmente, a igreja católica.

O cristianismo é uma religião cuja doutrina emana de um período histórico especial, vivido nos primeiros cem anos da era cristã e que está relatada no novo testamento. O cristianismo difere

das demais religiões monoteístas, pois o Jesus Cristo não foi apenas um profeta que indicou caminhos da relação dos homens com Deus e dos homens entre si. Jesus era o próprio Deus que se historicizou. Ou seja, saiu da eternidade e entrou no tempo.

As religiões cuidam de indicar o modo de relação do homem com Deus e com seus semelhantes. Como construções humanas, também se afastam ou extrapolam nessa tarefa. Quando isso ocorre - e a história tem exemplo em todas as religiões - a crítica pode ser dirigida a própria religião ou a seu fundamento último: Deus

A promulgação da morte de Deus, pela constatação de falta de espaço em nossa cultura, mostrou-se filosoficamente instigante, mas sem respaldo na realidade atual. Há uma grande quantidade e diversidade de religiões, com suas igrejas e seitas. O fenômeno religioso adquiriu outras formas, mas não se acabou.

O ateísmo apresenta construções teóricas bem erigidas, mas sem conseqüências práticas. Reconhecer a religião como construção humana não é o mesmo que reconhecer Deus como invenção dos nossos antepassados. A existência de Deus não comporta provas científicas ou matemáticas, ele faz parte da experiência humana singular e pode ser sentido mais próximo ou distante da vida.

Deus continua vivo para os que acreditam e para os que não acreditam. Há várias mediações para contatá-lo e quem não estiver satisfeito com as existentes pode criar a própria. De minha parte, prefiro a mediação proposta no cristianismo, adaptada ao nosso tempo pela igreja católica.

Dia dos Pais

A comemoração de uma data, qualquer data, traduz o desejo de manter vivo o evento, o acontecimento ou o homenageado. Algumas datas nos tocam mais de perto, outras são banalizadas devido aos apelos comerciais, cívicos, etc. Com o dia dos pais também acontece tudo isto e, portanto, devemos buscar o sentido mais profundo dessa festa. O que comemoramos no dia dos pais? Comemoramos, antes de tudo, o amor que existe numa relação em construção durante toda uma vida. A relação entre pais e filhos apresenta uma dinâmica que espelha a própria vida.

O amor não é só doçura, é conhecimento do outro, é desapego, é renúncia. No amor entre pais e filhos estão presentes cruz e ressurreição ou seja, as dores e as alegrias da vida. Comemoramos neste dia dos pais, a parte alegre dessa relação e, por isso, manifestamos, através de presentes, uma afeição desconcertante, pois, apesar de todos os sofrimentos, ser pai é uma realidade invejável. É a superação do egoísmo forçado pela cultura que ainda tem no pai a figura da ordem familiar.

Basta acompanhar os noticiários para perceber quantas realidades são diferentes dessa proposta. Como nos chocam os absurdos que sabemos existir em algumas relações entre pais e

filhos. Mas tudo isto demonstra como desejamos que essa relação seja verdadeira, isto é, que seja fundada no amor.

Falar em amor é falar em Deus, pois “Deus, é Amor” (1Jo 4,8). E nele, a relação pai - filho atinge o *status* de modelo perfeito. A frase de Jesus a Felipe: “Quem me vê, vê o pai” (Jo 14,9) mostra quão profunda é esta relação de amor. Também evidencia a nossa necessidade de dizer neste dia especial: “Papai, ainda estamos muito longe disso, contudo é esta a nossa meta”.

Ser filho e ser pai são as duas faces da mesma moeda. Educamos os nossos filhos querendo melhorar o que conhecemos como relação pai - filho. No entanto, tudo o que podemos dizer reflete apenas os momentos vividos, mas há ainda grandes descobertas. Não vamos esperar a morte para reconhecer o valor desta relação. Vamos dizer agora: *papai, sou feliz por ser teu filho*. E também **Filho, sou feliz por você me fazer o que sou: Pai!**

Doxa et Marketing

Toda leitura envolvente me distrai, pois logo me atrevo a pensar por conta própria. Ao ler Ivan Domingues em “A filosofia no 3º milênio: legados e desafios” (Cad. Hist. Fil. Ci., Campinas, Série 3, v.9, n. 1-2, p. 201-247, jan.-dez. 1999.) me veio esse título na cabeça: doxa et marketing. Não saberia associá-lo a qualquer aspecto particular daquele instigante texto. O fato é que o título me perseguiu e dificultou o término da leitura de Domingues. Mas consegui terminá-la. Não acrescento mais adjetivos ao texto lido, porque poderá parecer propaganda.

Tenho só um título e por isso lembrei de um título curioso “Seis Personagens à Procura de um Autor,” de Pirandello. Aqui tenho um título e me falta o texto. Portanto tenho que construí-lo na frente do leitor. Não estou preocupado com isto, pois Henry Fielding, em “Tom Jones”, várias vezes usa o recurso de combinar com o leitor como conduzirá o romance.

Para uma criação, a partir do nada é sempre recomendável entender cada uma das palavras. O título é uma sequência de grego (doxa), latim (et) e inglês (marketing). A variação da língua hegemônica reproduz o deslocamento de centro político, cultural, militar e econômico pela qual passou nossa civilização ocidental.

Ao reexaminar a construção proposta deste texto a partir de um título (“doxa et marketing”) desconfio que não posso fazê-lo a partir do nada. Afinal “Ex nihilo nihil fit” ou seja “nothing comes from nothing”. A criação a partir do nada (*creatio ex nihilo*) foi reservada para Deus pela Teologia e para as flutuações quântica no vácuo pela Física.

Uma rápida olhada no Dicionário Aurélio encontramos que o sufixo dox(o)- vem do grego doxa e se constitui um elemento de composição que significa “glória”, “crença”, “opinião”. A palavra et foi encontrada dentro da expressão “et alii” que significa “e outros”. Ela é comum na descrição bibliográfica, seguindo o nome do primeiro autor de uma obra, para indicar que há outros autores. Procurei também a palavra marketing no referido dicionário e encontrei uma descrição ampla e detalhada dessa palavra.

Toda prospecção envolve uma avaliação crítica. Portanto, compartilho minhas observações nesta busca ao dicionário: 1) No dicionário da língua portuguesa encontramos grego, latim e inglês, atestando a nossa pertença cultural à civilização ocidental; 2) O grego e o latim, nas palavras, são apenas a sombra de um passado; 3) O anglicismo faz parte de nosso cotidiano e por isso está bem registrado no dicionário.

Chegado a este ponto, vou confessar que talvez as idéias tenham tido mais vida que as próprias palavras. E as idéias antigas estejam contidas em novas palavras. Isso implica que teremos de fazer agora a prospecção de idéias e responder como as duas palavras “doxa” e “marketing” se conectam (et) para formar o título deste texto.

Difícil começar filosofar sem Platão. Mas cansado prematuramente, encerro o texto, pensando que Platão classificaria o marketing de hoje como doxa (opinião). Precisando ser transformado em epistême (conhecimento). O marketing, como a doxa, ainda está longe da verdade na ascese platônica. A receita de Platão já não serve mais para os nossos dias e devemos pensar em outros meios para superar a sociedade do marketing.

É amor ou amizade?

Havia um programa de televisão que colocava a pergunta “é namoro ou amizade?”. O contexto é uma relação entre um homem e uma mulher que se inicia dentro do próprio programa. Os participantes, após um encontro inicial, respondiam como pretendiam levar adiante aquela relação travada com auxílio do programa de auditório.

Ao estabelecer o confronto entre namoro ou amizade, o namoro pode ser entendido como uma construção de relacionamento que, em princípio, pode desaguar no casamento. Mas, se o casamento deve ser uma decorrência do amor, como esse amor em sua natureza pode se distinguir da amizade?

O amor entre duas pessoas pode ser definido como uma construção, que cresce com o tempo e exige uma radicalidade diante das circunstâncias da vida. O casamento é uma instituição civil e religiosa que dá forma a uma relação homem-mulher, que deseja ser estável sobre qualquer tempestade.

Amor e fidelidade andam juntas e dizem respeito a todos os aspectos da vida. Significa nunca deixar para trás a companheira. Elegê-la como prioridade, mesmo na adversidade, sobre todas as circunstâncias.

A infidelidade sexual, a infidelidade intelectual, a infidelidade afetiva, etc. talvez seja resultado da incompletude de uma relação, que, mesmo sendo básica e prioritária, não abarca todo o ser humano. A amizade entre um homem e uma mulher fora do casamento pode ter um grau de profundidade tal que não afete a principal relação homem-mulher escolhida por primeiro e que constitui o casamento de um ou de ambos.

Na amizade, algumas circunstâncias da vida, podem conduzir a opções que levem à separação definitiva ou momentânea. Diferentemente, a relação principal abrigada no casamento (e que chamo amor!), mostra-se mais profunda que a própria amizade, pois não sucumbe a circunstância.

Todas as demais relações acontecem em segundo plano àquela relação principal. A amizade entre um homem-mulher é tanto maior, quanto mais se aproxima dessa relação primeira sem perturbá-la. Uma amizade, onde uma das partes quer a falência da principal relação, não será duradoura e pode levar uma amiga ou um amigo, de modo irremediável, para longe do convívio do outro.

Recentemente, na carta “Deus é amor”, o papa resgata três faces diferentes do amor - *eros*, *philia* (amor de amizade) e *agape*. O comentário papal sobre a diferença e a unidade entre o amor grego (*eros*) e o amor cristão (*agape*) leva a conclusão de que o “amor” é uma única realidade, embora com distintas dimensões. Os interessados em conhecer o posicionamento da igreja católica no século XXI, em relação ao amor, poderiam ler esta encíclica do Papa Bento XVI.

Nos primeiros séculos do cristianismo houve uma “batalha” sobre o tipo de amor que deveria conduzir as relações numa sociedade. O livro *Satiricon* de Petronio, traz o ambiente cultural enfrentado pelo cristianismo no início de sua

difusão. Na sociedade atual há uma valorização histórico-cultural da *agape* em detrimento do *eros*. Portanto, as transgressões ocorrem na direção de uma maior valorização do *eros*.

Voltando, agora, a pergunta do programa, seja namoro ou amizade, o importante é construir uma relação que leve a felicidade entre as pessoas e transborde para as relações sociais mais amplas, “contaminando” toda a sociedade.

Emoção e Razão são categorias em extinção?

O título pretende despertar o leitor para uma disposição preliminar de leitura. Terei alcançado este objetivo no momento em que o leitor conseguir ler este primeiro parágrafo. Portanto, se você está até aqui comigo, encerrando este parágrafo, é porque foi seduzido pelo título ou pela amizade com o autor.

Ao começar escrever este texto, tenho na mente um planejamento preliminar de trabalhar estas duas categorias – emoção e razão – apresentando-as e depois mostrando sua adequação ou não para interpretação dos comportamentos humanos. Portanto, o segundo parágrafo não se move mais pela sedução.

O planejamento, a organização, a racionalização do tema não exerce fascínio sobre parte do público. Agora começo a perder o público leitor que é mais avesso a reflexão. Para resgatá-los, prometo algo *light* que não entrará em meandros filosóficos mas superará a mesmice. Caso você já tenha encontrado palavras difíceis, abandone a leitura. O objetivo de uma crônica não é humilhar nem enganar ninguém.

O comportamento humano tem diversas facetas, todas interligadas, que marcam a unidade da pessoa e assinalam o

seu comportamento nas relações que mantêm com o seu ambiente físico e social. Duas destas facetas ganharam nome – emoção e razão - e permeiam os discursos, aparecendo, na maioria das vezes, como opostas.

Na linguagem popular, o coração é a sede das emoções e a cabeça é a sede da razão. Obviamente a ciência já superou esta diferença topológica, abrigando no cérebro as áreas responsáveis pela emoção e pelo raciocínio. Portanto, do ponto de vista científico, emoção e razão estão mais próximas do que se pensa.

Na filosofia, Pascal apontou que o “coração” tem razões que a própria razão desconhece. Apesar disso, a atividade filosófica e a atividade científica desejam ser monumentos ao homem enquanto ser racional.

A televisão, com toda a parafernália tecnológica, com toda a possibilidade de difusão de formação científica, opta claramente por novelas, programas de auditórios e espetáculos esportivos, que desejam ser monumentos aos sentimentos construídos na virtualidade da comunicação.

No comércio, se apela à emoção para atrair consumidor propondo uma razão para adquirir seus produtos. As ideologias propõem uma razão para atrair e apelam para a emoção para adquirir seus adeptos. As terapias cuidam em arrancar sentimentos e emoções de uns e auxiliar a controlar e racionalizar emoções em outros.

O ser humano não é emoção ou razão. O homem e a mulher são emoção e razão e muito mais. A sua natureza complexa é fruto de uma evolução inacabada. Pode ser tão animal quanto qualquer outro animal existente na terra. Ganhou um corpo com possibilidade de expressar emoções, de racionalizar sentimentos, de refletir sobre sua própria existência.

Em minha casa, no jardim, tenho uma roseira, acompanho sempre o desenvolvimento do botão até a flor vermelha,

que depois murcha. Tem dias que penso naquela beleza muda, noutros apenas no sol e na seiva de sua nutrição, em alguns outros momentos, reflito sobre o nascimento, crescimento e morte. A flor não é emoção, não é razão, é apenas natureza. Talvez natureza morta que torno viva quando nela me expresso.

Não faz sentido dividir o homem em razão e emoção, pois somos tudo até mesmo ao olhar uma flor. Contudo, emoção e razão, como categorias deficientes para analisar o mundo e o comportamento humano, ainda não estão em extinção. Portanto, o meu veredicto racional sobre o título deste texto é: **ainda não**.

Geração Coca-Cola

Por que bebemos coca-cola? Quem nos “obriga” a beber coca-cola? Quem ganha dinheiro quando bebemos coca-cola? Renato Russo, na música “Geração coca-cola”, faz um passeio por estas problemáticas e por isso vamos “pegar” a letra e acompanhá-lo agora. Nós nascemos numa cultura que nos diz sempre o que é bom ou ruim. Mas a nossa cultura não é autônoma. Somos culturalmente dependentes dos países mais ricos: Estados Unidos, Japão e os demais países da comunidade européia.

Basta ver o peso disso nas artes. A música, o cinema e os livros vêm de outros países. Harry Potter faz mais sucesso que qualquer livro brasileiro. E quem domina culturalmente influencia toda a nossa vida. Na televisão brasileira a maior parte da programação (desenhos, séries e filmes) é proveniente dos Estados Unidos.

Os hábitos alimentares também fazem parte da cultura. A nossa alimentação também é influenciada por isso. Do ponto de vista nutricional, comemos lixo. Basta ver que o país está ficando obeso, porque come mal. A indústria alimentícia também é formada por empresas multinacionais: Nestlé, Parmalat, Bunge, etc.

Aprendemos a viver essa mesma cultura que dá pouca importância à vida e a qualidade de vida. E desse modo também começamos a exportar produtos sem valor real. Apenas para satisfazer o mercado internacional. Até a “revolução” brasileira foi incentivada pela CIA. O capitalismo no Brasil tornou-se mais importante que a fé católica.

O Brasil é um país jovem, mas que pensa assim. Há uma geração jovem que traz valores que não são brasileiros, que valoriza o supérfluo em detrimento do essencial. É a Geração coca-cola.

A própria educação nossa cultivou a valorização da cultura estrangeira no Brasil. Aprendemos a nos comportar como parceiros desleais no mercado entre nações. Exportamos o pior de nossa música, como, por exemplo, o bumbum (bunda) da Carla Perez (o “Tchan”).

Mas não é assim que deve ser. Renato Russo faz ironia na música “Geração coca-cola”. Ele quer um Brasil diferente. Ele quer qualidade. Ele quer um Brasil brasileiro. Temos que começar a criar um país diferente. Haverá uma verdadeira revolução cultural. Será como a fábula do rei nu, nós iremos mostrar ao mundo uma maneira diferente de viver. Até o cinema precisa ser usado com mais arte.

Temos limão, laranja, maracujá, goiaba, manga, acerola, caju e tudo pode ser usado para fazer suco. Não precisamos ser geração coca-cola. Uma geração de piauiense deveria ser geração cajuína ou, então, geração suco natural pela abundância da natureza nordestina.

Gosto e religião não se discutem

O sentido do ditado popular é claro, tanto gosto quanto religião são objetos de decisão pessoal e não devem ser discutidos. Embora respeitando esta opinião, creio que tanto religião quanto gosto podem ser discutidos dentro do respeito pelo outro, portanto, sem agredir a sua intimidade. A religião deve ser fundamentada na razão que complementa a fé. O gosto, por exemplo o gosto artístico, deve ser fundamentado numa concepção estética. Ambos provenientes e constitutivos de nossa visão do mundo.

Há muitas variantes deste ditado que englobam os assuntos no qual a componente subjetiva é grande e, portanto, o tema é polêmico. Por que não se discutir o que é polêmico? Provavelmente porque a adesão aos argumentos tenha sido feita sem reflexão.

Há uma coisa que não se discute: o futebol. Sou torcedor do River Atlético Clube, pois na infância, que hoje consideram adolescência, vi meu time ganhar o campeonato de 1973. Ser torcedor de algum clube é até uma necessidade em alguns ambientes. Sou riverino. Não tenho argumentos para minha escolha. Não tenho motivos para mudar. Portanto, para mim, futebol não se discute!

Também o ditado tem outra vertente de entendimento. A paixão, envolvida na discussão de temas polêmicos e controvertidos, como gosto, religião, a política, o futebol, etc., não permite o uso preponderante da razão e, daí, não há diálogo em torno de argumentos. Onde tem paixão, a reflexão é colocada de lado.

Embora não possamos viver sem paixão, devemos ter argumentos para justificar as nossas opções. Não é preciso debater numa arena, mas é possível ter a convicção apoiada pela razão em tudo aquilo que realmente importa em nossa vida. Muitas vezes devemos construir nossas razões, outras vezes apenas agarrar as razões de quem já refletiu e reexaminá-las.

Os argumentos que mais nos convencem são aqueles que pegamos “no ar” da cultura que estamos respirando e imaginamos autenticamente nossos. Também a escola, em qualquer nível, propaga argumentos construídos ao longo do tempo e que foram importantes para determinar a sociedade que hoje vivemos.

A história de uma sociedade foi construída com idéias e paixões. Muitas vezes as discussões e até mesmo as guerras foram determinadas por essas paixões que dispensaram as idéias e os seus confrontos. Mas o registro das idéias e “razões” estão mais presentes na história dos povos.

Vivemos numa aparente neutralidade em relação a todas as questões do mundo. Somos observadores externos e estranhos àquelas realidades cotidianas. Emitimos juízos de valor sobre o comportamento público e privado dos outros e nem sequer sabemos formular com clareza as nossas opções. Somente quando o conflito chega no nível pessoal e as paixões se movem numa direção diferente das “razões” herdadas, é que nos obrigamos à reflexão.

Os filósofos estão no mundo, de plantão, para oferecer razões para todo o fazer e o viver no mundo. Quer agarrando as

suas reflexões e também filosofando, quer fazendo a própria reflexão, mesmo que incompleta e assistemática, temos que remodelar constantemente as razões para adequá-las ao mundo e às nossas crises.

Portanto, tudo pode ser discutido, quando precisamos enfrentar os desafios da realidade.

Graziella

Muitos nomes próprios marcaram a vida de um tempo e depois se fixaram em ruas, praças, estádios, escola, etc. O tempo também se encarregou de levá-los da memória coletiva e poucos ainda permanecem mais importantes de que a designação física que nomeiam atualmente.

Atrás de um nome há sempre um homem em que sopra uma vida. Esta vida, na grande maioria das vezes, gira em torno das trivialidades cotidianas que acrescentam, ao viver animal, a cultura, o lazer, o trabalho, a política, etc. Mas a glória e a desgraça humana residem nesta mesma trivialidade.

Atrás de um sopro forte de um furacão, há sempre um nome de mulher. Mas não traz vida, traz desgraça material e, às vezes, morte. Ainda bem que é apenas um nome e com ele (furação) ou com ela (nome feminino dado ao furacão) não associamos uma pessoa. Mas também para cada mulher, a trivialidade da vida marca sua posição no mundo.

No ano de 1985, conheci uma mulher que se movia com tanta graça e beleza, que seu nome podia ser “gracinha” (Graziella). Sua conversa serena e harmoniosa parecia provir de um instrumento musical antigo (Ciaramella). Mas os

compromissos assumidos, até então, só me permitiram tê-la como uma amiga. Como, aliás, somos até hoje.

Na dinâmica da vida, na trivialidade das coisas, os tênues compromissos foram desfeitos e compromissos mais fortes e duradouros foram construídos. Em 1987, ao concluir minha primeira temporada em Campinas-SP, trouxe os tesouros possíveis de se extorquir daquela cidade: o título de Mestre em Química e uma esposa campineira.

Parece que quando se altera o nome, também se altera o homem. A história está cheia de exemplos de pessoas que mudaram o nome, quando mudaram a realidade de suas vidas. Isto foi muito comum no cristianismo. Por exemplo, o nome de São Pedro era Simão e o de Santo Antônio era Fernando de Bulhões y Taveira de Azevedo.

Graziella Ciaramella Moita agora é seu nome. Ela perdeu alguns dos encantos que eu imaginava naqueles primeiros olhares, mas descobri tantos outros que não tinha sequer pensado. Em Teresina, perdi minha individualidade pela escolha de olhar o mundo a dois. Quando ela também ingressou por concurso na Universidade Federal do Piauí, tivemos novos horizontes comuns.

A nossa segunda temporada em Campinas, iniciada em 1991, tinham como meta a obtenção do título de Doutor em Química porém obtivemos muito mais do que isso pois em 1993 nasceu nosso filho Giuseppe.

Agora em nossa casa tinha mais um nome, portanto mais um homem para mudar a trivialidade das coisas e interferir na dinâmica da vida. Nova conformação a vida, novas descobertas, novo aprofundamento das relações. Novas construções e reconstruções.

De volta a Teresina em 1995, recomeçamos a nossa vida acadêmica e familiar. Passamos por algumas dificuldades, que nem vale a pena recordar, e tivemos todas as alegrias que também não

vou lembrar para ficar no aparente empate. Agora estamos cada dia mais próximos pelo objetivo de formar o nosso filho.

“Graziella” jamais será nome de algum furacão que passa pelo mundo e pela nossa vida. É uma brisa leve e contínua que já me refresca há mais de 18 anos. Por isso, se puder escolher um local para dar o nome de “Graziella” escolheria apenas o jardim de nossa casa, pois enquanto existir harmonia, ele permanecerá belo. Feliz 2006

José Machado Moita Neto

Que coisa mais estranha um texto que traz como título próprio nome do autor! Talvez seja necessário um discurso sobre os porquês dos nomes. Vamos construindo o discurso para ver se uma idéia transforma-se num texto. Transformando o título em “problema científico”, o primeiro conselho cartesiano é decompô-lo em partes para melhor analisá-lo.

José é nome bíblico. Além do pai de Jesus, motivo do meu nome, ainda tem o José do Egito - o interpretador de sonhos do faraó. Este nome foi muito popular em Teresina. Agora a moda é outra. Quem é professor acompanha a variedade dos nomes através do diário de classe. São pouquíssimos os Josés hoje em dia. Mas não foi apenas a moda da época que inspirou a escolha de meu nome.

Nasci no dia de São José (19 de março) e meu avô paterno também era José. Foram dois coelhos com uma só cajadada! Mamãe agradou o santo e o sogro. Usei a mesma habilidade, ao escolher o nome de meu filho: Giuseppe. Giuseppe é a tradução de José em italiano. Meu sogro é italiano e gostou do nome!

Por conta do **Machado** perdi o nome materno. Mamãe é alagoana e trazia o Albuquerque no nome. Meus irmãos conjugam o Albuquerque ao Moita e eu fiquei com o Machado. As piadas não são criativas, pois ninguém corta moita com machado. Contudo tive que ouvir a mesma piada algumas vezes.

Por sorte não peguei nenhum apelido na infância e adolescência. Alguns destes apelidos ainda preservam o primeiro nome Flávio Batgirl, Chico Peidão, etc. Outros foram tão forte que apagaram o nome: Catita, Patão, Canibal, Mamão, etc. Para quem me conheceu primeiro, sou Moita, para quem conheceu primeiro meu irmão mais velho, sou Moitinha.

Moita é o nome de família (linhagem paterna), veio de Tianguá-CE para o Piauí trazido por três irmãos (José, Ordônio e Maria). Pela tradição familiar, os homens preservam o nome de família e as mulheres, ao casar, o trocam pelo sobrenome do marido. Portanto, os Machados que são parentes descendem de tia Maria. Os Moita que são parentes descendem do tio Ordônio ou do Vovô Moita.

Como sempre me chamaram de Moita, ouvia freqüentemente a pergunta sobre meu parentesco com algum outro Moita. Quando morei em São Paulo, a maioria pensava que Moita era apelido. Outros até trocavam a grafia por Motta. Nada contra os Motta mas prefiro continuar sendo um Moita.

Por fim chegamos ao **Neto**. Não simpatizo com as escolhas de Júnior, Filho, Sobrinho, Neto etc. para terminação dos nomes próprios. Parece que pensam mais no homenageado que no futuro ser humano com sua identidade própria. Mas gosto de ter o mesmo nome de meu avô. Ele está enterrado no cemitério São José.

Terminada a decomposição de um nome, agora devemos juntar os pedaços. E neste ponto vemos a falência da perspectiva

científica do método cartesiano. Conheço a história de cada pedaço deste nome (José Machado Moita Neto), mas o que sei da identidade deste homem? O que o nome da família esclarece?

Nos dias de hoje, as tradições familiares informam pouco sobre cada um dos membros de uma família. Cada nome é construído ao longo da vida e nunca está pronto para significar alguma coisa. O meu ainda está em construção.

Local e Data

Ao longo da história humana subjaz duas realidades aparentemente antitéticas: o que permanece e o que muda na cena do mundo. Na filosofia, estas correntes são atribuídas, respectivamente, a Parmênides e a Heráclito. Vários filósofos tentaram sínteses diferentes, para captar a realidade que cada homem constata no seu dia-a-dia. Aquilo que muda/aquilo que permanece são coisas e acontecimentos na vida do homem, da sociedade e da natureza.

No fluxo da vida, ninguém é a mesma pessoa em dois tempos diferentes. Esta afirmação contrasta com todos os mecanismos que criamos para a vida em sociedade. O nosso registro de nascimento marca uma data, um local, uma família que nos acompanhará por toda a vida. As várias formas de registro civil, como identidade e CPF, e os registros naturais, como impressão digital e código genético (DNA), assinalam a nossa aparente invariância.

Um homem em idade avançada que sentiu e participou ao longo de toda a sua vida de tantas mudanças, mesmo assim, conserva o desejo de invariância do mundo e da realidade. As saudades e as lembranças são sempre de uma vida estática que nunca existiu. A paranóia vivida em nossa sociedade é a

possibilidade de colonização do futuro através da eliminação do risco. Os seguros de vida, seguros de saúde, seguros contra acidentes, etc. revelam o terror ante qualquer mudança vivido por cada cidadão.

O eterno retorno do mesmo, ocorre a cada instante para o homem, é o mecanismo que encontramos para manter uma identidade psicológica. Mas também é daí que nasce a nossa fixação na invariância do mundo. Apesar disso, muda o homem, muda a sociedade e muda a natureza. Portanto, o local e a data, em qualquer comunicação, corresponde assumir que aquilo que pensamos, agora, e neste lugar, é fruto da construção do passado e que certamente influenciará o futuro de um homem e não de uma estátua. Mudamos, mudamos sempre e temos o direito de mudar. Teresina, 27 de outubro de 2003.

Maria de Fátima

O nome é comum e todo mundo conhece alguma Fátima em Teresina. Agora mesmo estou lembrando de duas e talvez até terminar o texto tenha que atualizar este número (em tempo: conheço mais de dez Fátimas!). A origem histórica do nome remonta o dia 13 de maio de 1917, na cidade de Fátima, em Portugal, onde três pessoas testemunharam a aparição de Maria. O local hoje é um santuário de peregrinação e devoção a Maria, mãe de Jesus.

As mensagens transmitidas em Fátima foram importantes para a doutrina da Igreja? Não, pois a revelação do cristianismo se esgotou de maneira completa em Jesus. A aparição realmente ocorreu ou foi alguma alucinação coletiva? Isto não é matéria de fé para o cristão e cada um pensa como quiser. Mas qual o verdadeiro milagre de Fátima?

O verdadeiro milagre de Fátima, e que ainda ocorre hoje, são as conversões e a renovação na fé que os peregrinos e devotos narram como uma intervenção própria de Maria. O que a Igreja olha nas diversas aparições de Maria no mundo não é o fenômeno em si ou mensagens especiais, mas o desencadear de uma renovação do espírito evangélico. Um novo fervor na direção da mensagem deixada por Jesus.

O papel de Maria durante a vida conhecida de Jesus parece, ao olhar desatento, algo secundário. Afinal, as culturas machistas relegam para segundo plano o papel da mulher. Lucas, ao escrever seu evangelho, pegou alguns detalhes importantes daquela vida em família que revelam o quanto Maria foi especial. O evangelho e as cartas de João, em sua insistência ao principal legado de Jesus, o Amor, certamente foram influenciadas pela convivência especial que este discípulo teve com Maria após a morte de Jesus.

A Igreja Católica, mais que todas as outras denominações cristãs, tem ao longo de sua história ressaltado o papel de Maria na vida cristã. O escritor Ariano Suassuna, no “Auto da Compadecida”, captou este modo especial do católico ver Maria como a intercessora. Maria, porém, tem muitas outras faces na história do cristianismo. Ela é virgem mesmo depois de ser mãe (Imaculada Conceição). Ela é a mãe de Deus, da igreja e também nossa. Ela não foi sepultada, mas subiu ao céu (Assunção de Maria).

A religiosidade popular tem sempre encontrado denominações para as diversas faces que Maria, Nossa Senhora, representa para os cristãos: das Dores, das Graças, do Perpétuo Socorro, do Bom Parto, do Amparo, dos Remédios, da Conceição, etc. Sua presença está espalhada no mundo cristão associada com diversas localidades: Aparecida, Guadalupe, Fátima, Lourdes, etc.

Maria nunca foi um ser divino, e o cristão sabe disso, mas seguramente ela foi exemplo de discípula de Jesus. Mesmo para quem acredite que a maternidade de Deus nada tem de especial e ignore o dogma da Imaculada Conceição, ainda resta a potência de um amor que vai até às últimas conseqüências ao pé da cruz. Ela é quem melhor espelha a face materna de Deus. Ela é o modelo para todo cristão.

Sua grandeza e humildade acompanham toda a escritura. Enquanto Isabel reconhece sua grandeza, incorporada na oração “Ave-Maria”, ela mesma canta sua humildade no *Magnificat*. Por isso, a tradição cristã não poupa palavras na oração “Salve Rainha” identificando-a como mãe de misericórdia por traduzir melhor este aspecto especial do amor de Deus.

Neste mundo conturbado podemos chamá-la ainda como Rainha da Paz e lembrar que o desejo de PAZ é o que move os devotos de Nossa Senhora de Fátima.

Modus operandi

Quando uma quadrilha de criminosos ataca tem uma característica própria em sua operação. A polícia estuda o modo como acontece a operação para estabelecer ou identificar o *modus operandi* daquele grupo. Alguns filmes com *serial killer* (matador em série) apresentam até mesmo um profissional da saúde mental (psiquiatra, psicólogo, etc.) que auxilia no traçado do perfil psicológico do assassino, visando estabelecer seu modo de operação.

Mudando de pau para cacete, a morte tem um *modus operandi*. Acontece de modo inesperado para jovens e adultos e de modo previsível para velhos e doentes graves. Em ambos os casos ela é mal vista. Embora no alívio do peso dos anos ou das dores enfrentadas, ela seja secretamente desejada, sem sombra de dúvidas, construímos uma sociedade que rejeita e abomina a morte.

Imaginem agora, se a morte, como a saudade para Fagner em ‘Lembranças de um beijo’, tivesse nome de mulher e ficasse chateada com tanta repulsa e resolvesse mudar o *modus operandi*. José Saramago, prêmio Nobel de literatura, pensou nisso e tirou todas as conseqüências de uma morte assim personificada no livro **As intermitências da morte**.

A morte resolve escolher o momento exato de deixar de trabalhar gerando problemas e soluções, pensadas por Saramago, que faz lembrar as decisões políticas em nossa sociedade. Saramago sabe construir um texto atraente e surrealista na história contada e extremamente realista para a cultura portuguesa e, portanto, também para a população nordestina do Brasil

Depois desta “greve” da morte, ela novamente muda o seu *modus operandi* e anuncia o seu retorno com data e hora marcadas. Novamente o caos se instala, Saramago transforma o que foi solução em problema e explora ainda mais as idiossincrasias de nossa sociedade.

Mais uma vez, na imaginação de Saramago, a morte resolve alterar o seu *modus operandi*. Desta vez introduz o aviso prévio em envelopes violetas. Quem recebe tem algum tempo para preparar o testamento ou cair na gandaia. Mas o método encontrou uma resistência. Alguém não recebeu a correspondência e, portanto, não morreu, quando deveria morrer. Este problema afunila a ficção do contexto social para o pessoal.

Neste momento da obra, o autor faz uma reviravolta romântica, quando a morte, vestida de mulher, resolve pessoalmente entregar o envelope violeta ao violoncelista que deveria morrer e não tinha morrido. Saramago, com maestria, trata os primeiros encontros e desejos, para terminar o seu livro com mais uma alteração no *modus operandi* da morte.

As intermitências da morte têm momentos narrativos altos e baixos e frustra quem quer encontrar apenas uma história. O romance é, antes de tudo, uma reflexão de como encaramos a vida e, portanto, também a morte e o amor.

Certamente a morte não é uma pessoa e, por isso, não muda o seu *modus operandi* apenas por capricho, como quer Saramago em sua ficção. Para o cristão é um encontro com

Deus. Mas, como somos todos muito pecadores, não temos pressa por esta hora fatídica. E Saramago, por saber disso, criou este interessante romance para quem quiser imaginar com ele uma morte “que já tem nome de mulher”.

No dia 06 de fevereiro de 2006, a morte não fez pausa e levou Wellington de Abreu Gonzaga, professor de Química, da Universidade Federal do Piauí.

Moro em Tersina – Piauí

Creio que você também já cometeu o erro de omitir a letra “e” no nome de nossa querida cidade. Confira rapidamente que não é apenas você a fazer esta besteira. Uma das maneiras fáceis de fazer isto é pesquisar no google (<http://www.google.com.br>). Coloque “**Tersina**” **Piauí** na busca e encontrará 663 sites na internet, onde aparece o equívoco mencionado. Portanto, não se preocupe, você não é o único.

A pressa pode ser a culpada pela omissão da letra, mas também a proximidade das letras no teclado pode acarretar esse e outros erros. Para saber a dimensão do erro em tela, basta repetir a busca agora de modo correto: “**Teresina**” **Piauí**. O resultado será 881 mil sites. Ou seja menos de 0,01% das pessoas não perceberam que cometeram este erro. Errar é humano, mas não perceber o erro ... é fazer parte da minoria.

Caso você seja um internauta e tenha conferido os dois números mencionados acima, possivelmente já tenha passado um veredito sobre meu erro nos números. Calma, se fixe apenas na razão entre eles, expresso pela porcentagem, pois o número de sites na internet aumenta todo dia. Contudo, se você for um cultor de nossa língua e já tenha encontrado alguns erros neste texto, avance mais provavelmente duplicará este número pois agora estamos na metade da lauda.

Escrever Tersina não torna ninguém único, mas o coloca numa minoria semelhante a que estão os gramáticos por escreverem correto. Muitos programas eletrônicos que buscam palavras, como o google, já incorporam grafias incorretas que podem ser digitadas pelos internautas. Por exemplo: procurar **inglesa** é o mesmo que procurar **inglês** (128000000 ocorrências). Deste modo, não se perde tempo e encontra-se o que deseja. Mas nem sempre é assim.

Quando se faz a busca por “tersina” encontra-se 30500 endereços de internet, pois os tersinídeos são uma “família monoespecífica de aves caracterizadas por terem o bico chato e largo, triangular e pontiagudo”, segundo o Aurélio. Na mesma fonte de consulta, encontrei que *Tersina viridis* é o nome científico de um passaro que vive no Brasil: Saí-andorinha (não conheço!).

Depois desta metodologia de busca de palavras e sites na internet pelo google fiquei tentado a solucionar estatisticamente minhas debilidades em nossa língua pátria usando a estatística.

Pensei na aplicação do “este” e do “esse” que meus professores de português nunca conseguiram me ensinar. Então vamos lá. Existe na internet pelo menos aproximadamente 10 este para cada esse. A razão ainda não é boa para chutar sempre “este” quando tiver em dúvida porque há uma chance de 10% de erro.

Espero que ninguém leve a sério esta maneira de pesquisar na internet o que deve ser estudado nos livros. Para garantir a ineficiência do método vamos pesquisar a palavra pergunta e pergunta. Quem ganha é a palavra “pergunta,” já que ela está correta em espanhol.

Após este percurso, só resta apelar que o revisor não erre corrigindo as palavras “tersina” e “pergunta” usadas neste texto.

Mundo cão

O prêmio Nobel de literatura, José Saramago, em diversas de suas obras como *A Caverna*, *Jangada de Pedra* e *As Intermittências da Morte* trazem, entre os seus personagens, algum cão que se destaca por sua reflexão diante do entorno que vive. A personalidade “humana” dos cães de Saramago chama atenção por sua densidade psicológica como observadores passivos do mundo. A opção literária do autor traduz uma visão positiva do cão como companheiro do homem, contrastando com alguns elementos de realidade que podem ser exemplificados com avisos do tipo “cuidado: cão anti-social”.

A mudança do papel do cão como “melhor amigo do homem” para defensor e, com isso, também inimigo de alguns homens, leva ao novo enfoque no planejamento e gestão dos espaços urbanos. A verticalização das cidades e a crescente violência urbana condicionaram a escolha das raças de cães que se diferenciam agora principalmente pelo binômio tamanho/agressividade, de acordo com o espaço de moradia apartamento/casa, respectivamente. O cão de Saramago, grande e afetuoso, amigo do dono e sem qualquer inimigo, não encontra mais espaço nas metrópoles. É necessária uma reflexão multidisciplinar sobre o papel do cão nas cidades brasileiras, principalmente, devido à verticalização das cidades e ao crescimento da violência urbana.

O conhecimento científico acumulado sobre os animais domésticos tem ajudado na prevenção de zoonoses e também se transformado em um filão comercial específico que envolve, principalmente os setores de saúde e alimentação. Nas periferias ainda se encontram cachorros “vira-latas” que, como os seus donos, também estão à margem dos benefícios “pagos,” para obtenção de saúde e alimento, sendo sujeitos a inúmeras doenças e sendo freqüentemente vítimas de atropelamentos. Entre esses cães, também não encontramos a “personalidade” dos cães de Saramago, pois não mais dividem com seus donos a cumplicidade dos prazeres da vida, mas apenas a amargura das dificuldades. Cenário bem diferente acontece na zona rural, onde o cão ainda guarda o status de caçador, vigia e, principalmente, de companheiro.

A quantificação desta mudança de panorama traçada acima é importante, pois retrata de maneira indireta a transformação da própria sociedade. As intervenções dos órgãos públicos geralmente carecem de uma fundamentação mais ampla na realidade da vida das populações e são confinadas ao âmbito tecnicista. Do ponto de vista filosófico, as reflexões sobre a relação homem animal são escassas e não têm acompanhado as mudanças ocorridas na própria sociedade e nem a evolução da ciência e da técnica que acompanham os contornos dessa relação.

Parece que há um espaço para apresentar uma visão multidisciplinar sobre a questão do cão, animal doméstico, dentro de nossa sociedade, para com ela discutir a própria sociedade e os atuais espaços de confinamento dentro de uma metrópole. Teresina pode ser um espaço privilegiado para esse enfoque multidisciplinar, pois nela estão presentes o novo e o antigo, o urbano e o rural, podendo ser captado tais mudanças.

A exemplo de Saramago, temos entre os escritores piauienses, tamanha afeição pelos cães? Que me digam os amantes da literatura piauiense.

Natal

Para quem escreve de modo ocasional, a escolha do título “Natal” no início do mês de dezembro se constitui em um grande desafio. Como ultrapassar a obviedade das frases feitas que circulam neste período? Como enfrentar a concorrência da propaganda que mal disfarça o desejo ávido de sensibilizar as pessoas para mais consumo nas compras de presentes?

No outro extremo, temos o discurso cristão que, em pleno século XXI, almeja compelir todos a festejar o nascimento de Jesus Cristo pobre numa manjedoura. Nas festas natalinas há uma contradição: Papai Noel, com seu saco, é muito mais inspirador que Jesus. São Nicolau ou Santa Klaus passou a ser mais conhecido no início do século passado, mas sua imagem vende mais e melhor que a de Jesus. A festa deste monge cristão da Rússia é dia 06 de dezembro. Parece que este discípulo vai em breve suplantará o mestre no imaginário coletivo.

A imagem do presépio, com sua força didática, foi usada por São Francisco de Assis. É bom para ensinar aos pobres e analfabetos como ocorreu o nascimento de Jesus. Mas não desperta o consumo. Talvez alguns habilidosos artesãos tenham seu momento de glória nesse período.

Seja tomando partido do mestre, seja tomando a parte do discípulo temos que atravessar o mês de dezembro para chegar no outro ano. Quem segue o calendário civil tem que fazer o balanço. O comércio faz, a indústria faz e o consumidor faz. Durante todo o ano as prestações recordam a alegria vivida naquele mês de compras exageradas!

Avaliar o transcurso de um ano é sempre uma prática saudável. Às vezes adoto a avaliação no natal, que, para mim, difere de Jesus ou do Papai Noel. O meu natalício é em março. Há certeza na data, mas existe controvérsia na hora. Na minha escritura registra 6:15 horas, mamãe anotou 5:45 horas numa agenda da Nestlé. A diferença é de meia hora. A controvérsia sobre a data de nascimento de Jesus tem uma diferença superior a três anos.

Nesta avaliação, que entram as alegrias e os sofrimentos de um ano, o melhor modelo ainda é o presépio. Nele está a alegria da família e dos amigos e a esperança dos demais. Mas traz também em si a dura realidade da vida. Papai Noel não serve para reflexão, ele é um bom sedativo. Talvez seja adequado à sociedade de consumo, mas não ao homem que quer se manter saudável neste mundo louco!

A mudança da natureza nos países frios e a mudança artificial nos países capitalistas movem e são movidas por sentimentos dúbios e contraditórios, mas que superam o simples consumismo. O homem é capaz de criar uma atmosfera de paz, quando assim o deseja. Vamos criá-la mais uma vez. Precisamos ter uma utopia. Nem que seja apenas trocar uma ceia por um natal sem fome.

O ócio criativo – uma fábula D +

Era uma vez um político que teve uma idéia criativa: **re-presentar o povo**. Pediu opinião para sua secretária sobre o que deveria fazer para isto. Ela sentiu o peso desta responsabilidade. Procurou um trabalhador amigo para discutir com ele algumas de suas idéias. Afinal, aquele trabalhador abdicava freqüentemente das folgas dominicais para dedicar-se aos trabalhos comunitários. A responsabilidade era grande demais para dois proletários. O político tinha pressa nesta decisão. Quem serve ao povo tem pressa! Como havia na cidade um patrão que sempre esteve mais interessado nos problemas de seus empregados de que nos seus próprios negócios, o político resolveu nomear uma comissão formada por sua representante, pelo representante do operariado e pelo representante empresarial.

A comissão resolveu consultar suas bases e marcar logo nova reunião. Surgiram tantas idéias que foi necessário contratar mais gente para assessorar esta comissão. O trabalho era árduo. As idéias minavam e precisavam ser analisadas com cuidado. A comissão exausta de tanto trabalho resolveu fazer uma pausa e ler em equipe o resumo das idéias do livro **Ócio criativo**, de Domenico de Masi. Aquele texto foi luminoso!. A felicidade ia tomar conta dos trabalhadores. Trabalhariam pouco e gozariam muito.

Diante desta idéia maravilhosa foram se reunir com o político. Eles tinham a idéia. Caberia ao político pensar numa maneira de viabilizá-la. Afinal é isto que esperamos de nossos representantes. Comunicaram o grande achado: **ócio criativo** – todos trabalhando pouco e gozando muito! Tão empolgados com esta verdadeira revelação que nem sequer perceberam a tristeza que se abateu sobre o político. Esta fórmula mágica ele já tinha descoberto. Trabalhar pouco e gozar muito fora o seu sonho desde a infância. Isto o fez um político. Agora realizado, trabalhando pouco e ganhando muito, tinha sonhado o sonho impossível: representar o povo. Mas o povo almejava exatamente o seu lugar onde o ócio pode ser criativo. Isto é demais (ou D+).

O político dissolveu a comissão e ficou tão preocupado com o **Ócio criativo** que resolveu telefonar para o sociólogo italiano Domenico de Masi. Em vão tentou ligar várias vezes. Ele estava sempre ocupado escrevendo livros e fazendo palestras e não tinha tempo para atender qualquer telefonema do Brasil. O nosso político resolveu jogar a toalha. Deixou recado com o Papa, com o presidente da Itália e com o chefe da Cosa Nostra. Todos eram mais acessíveis e já sabiam que o ócio criativo não pode ser para todos. Domenico de Masi, quando puder parar de trabalhar, também entenderá isto.

O que não mata, engorda

O provérbio português “o que não mata, engorda” foi assimilado em nossa cultura, mas está continuamente adquirindo novos significados para manter sua atualidade. Em casa, aprendi-o ainda menino como uma falsa temeridade diante do perigo de comer alguma coisa que podia fazer mal. Ou seja, comer alguma coisa de paladar duvidoso era um risco, recompensado, porém, pela alternativa oposta de engordar. Afinal, na época, era um magrelo e a gordura estava associada à fartura, saúde, etc.

Os tempos mudaram. Talvez hoje lembre mais um beco sem saída e não uma alternativa vantajosa. Para muitos, engordar é uma “morte”. A obesidade infantil não incentiva um ditado deste tipo. O imaginário de boa disposição física não está mais associado à gordura corporal. Cerca de 30 anos atrás ainda se ouvia no interior do Piauí um cumprimento do tipo: “como vai? tá bom e gordo?”

A liberação da plantação e comercialização da soja transgênica no Brasil, diante de uma comunidade científica dividida e da sociedade pouco informada, parecem seguir uma lógica de risco mal calculado. Neste caso, o provérbio – o que não mata, engorda – não pode ser guia decisório da sabedoria popular.

Sobre o mesmo ditado podemos ainda encontrar outra aplicação. Uma análise política do tipo “O que não mata,

engorda” pode remeter à crise como momento de condenação para uns e superação para outros. Neste caso, lembra mais a idéia de purificação de metais pelo fogo. Ou seja, uma crise é vista como uma “prova de fogo”.

O provérbio pode assumir também um enfoque de risco nas relações sexuais. Quando não há uma prevenção adequada, o risco de doenças sexualmente transmissíveis ou de gravidez indesejável é real. Nestes momentos, o ditado “o que não mata, engorda” não pode constituir-se o “top of mind” dos parceiros.

Há ainda outra interpretação possível do ditado, a qual se traduz em vê uma “vantagem competitiva” em escapar da morte. É uma espécie de escola militar da vida. Neste aspecto, talvez o filósofo alemão Nietzsche tenha chegado perto do ditado português com a máxima “o que não me mata deixa-me mais forte”. (Was mich nicht umbringt, macht mich stärker).

Mesmo explorando diferentes contornos desse ditado popular, uma avaliação de risco não pode cair na simplicidade de alternativas extremas. Hoje, a análise de risco é uma das áreas da estatística aplicável, na maioria das áreas do conhecimento, desde impacto ambiental até sobrevida de pacientes.

A análise de risco é uma tarefa complexa que merece estudo científico. A modelagem de risco é um conjunto de técnicas para estudo e determinação do risco de exposição a certo evento, que pode trazer consequências indesejáveis, possibilidade de perigo e/ou perda de controle.

A aplicação do ditado popular “**o que** não mata, engorda” ou de sofisticadas técnicas científicas de análise de riscos só lograrão êxito se o cidadão ou o cientista conhecerem bem o seu objeto de análise (o quê). Portanto, em nenhum dos casos cabe a generalidade, pois o “**o quê**” precisa ser conhecido.

Na aplicação doméstica do ditado que ouvi na infância não havia risco nenhum. Eu mesmo sabia que não matava, mas desconfiava de que, da mesma forma não engordava.

O ser humano precisa ser feliz?

Ao observar os discursos que contextualizam as palavras alegria, felicidade e gratificação, temos a impressão de que o alicerce sobre o qual se fundam é uma obrigação inconsciente de ser feliz. Mas quem disse que o ser humano precisa ser feliz?

A cultura ocidental transmitiu, mais que qualquer outra cultura, os discursos de alegria, felicidade ou gratificação como ideais éticos, religiosos ou cívicos. Embora todas as culturas tenham suas festas, que traduzem a alegria de um povo e manifestam algo próprio do homem, é possível identificar movimentos próprios dentro da civilização ocidental que exacerbam estes ideais de alegria, felicidade e gratificação, a ponto de fazer parte, ainda hoje, de nosso inconsciente e permear nossos discursos.

Várias correntes filosóficas gregas se preocuparam em apontar a felicidade. Por exemplo, Aristóteles, erigiu uma ética denominada eudemonismo. O cristianismo tem como um momento basilar, o sermão da montanha, que traz o receituário de felicidade do cristão. As festas dionisíacas, os banquetes romanos e todas as suas versões modernas são traduções rápidas do desejo de felicidade. Mas quem disse que o ser humano precisa ser feliz?

Talvez não seja tão transparente esta hegemonia do discurso sobre a alegria, a felicidade e a gratificação que permeia nosso dia-a-dia. Por isso vamos exemplificar.

Alguém, movido pela compaixão, pela piedade cristã, pela solidariedade humana, pelo desejo de marketing, etc. presta um auxílio a uma pessoa carente ou colabora com uma associação que presta tal serviço, quando verbaliza este ato na forma de um discurso para outro, o faz como um momento de alegria interior, gratificação ou linguagem semelhante, apontando o efeito (hipotético?) e não a causa motora de sua ação.

O mesmo acontece com o (hipotético?) efeito de todas as festas que são verbalizadas como momentos de alegria e felicidade. As propagandas consumistas, aproveitando-se desta obrigação inconsciente de ser feliz, vendem junto com o produto, a ilusão de alegria e felicidade e, apesar disso, não é considerada enganosa. Mas quem disse que o ser humano precisa ser feliz?

A reflexão filosófica e pragmática de sociedades ocidentais parece não ter chegado à sociedade brasileira que mantém ainda a alegria em todas suas manifestações. Até o marketing político se apropriou desse desejo inconsciente, quando transformou o slogan ‘sem medo de ser feliz’ em diferencial de uma candidatura vitoriosa.

Qual o mal em preferir a alegria latina ao siso europeu? Nenhum, desde que se fundadamente na realidade própria do ser humano e não na obrigação inconsciente de ser feliz. Ao olhar as desigualdades e injustiças existentes na sociedade brasileira, só é possível entender a alegria como um traço ideológico reforçado pela mídia. Mas quem disse que o ser humano precisa ser feliz?

Qual o significado da frase: “sorria, você está sendo filmado”? Bastaria o simples aviso, sem o imperativo do ‘sorria’.

Porém, o caráter ideológico da alegria precisa do sorriso associado à imagem de felicidade.

Os programas de auditório para ter audiência precisam contar com a imagem de alegria e felicidade transmitida pelos ‘sorrisos’, pelas músicas ‘alegres’, por pessoas ‘bonitas’ ou ‘bem sucedidas’. Neles fica patente o aspecto ideológico da alegria do povo brasileiro. Os programas de comédia desejam explicitamente arrancar a ‘gargalhada’ do espectador, pautam a hora do sorriso com o auxílio da “clap” (gargalhada eletrônica).

Ao analisar melhor a formulação evangélica do sermão da montanha, percebemos que não se trata de uma alegria efêmera e superficial, mas propõe a construção de toda uma vida. Talvez, a formulação mais adequada do cristianismo para os dias de hoje, seja a de Agostinho de Hipona, que se refere à angústia do coração humano, enquanto não repousa em Deus.

Ao consultar as diversas hagiografias (biografia de santo), não encontramos nada que se assemelhe a ‘tranquilidade’ e a ‘felicidade’ de quem adquiriu um seguro pessoal ou possui uma caderneta de poupança. Portanto, a idéia de felicidade, alegria e gratificação que temos já não bebe mais nas fontes do cristianismo. Mas quem disse que o ser humano precisa ser feliz?

O ser humano precisa ser feliz? Quando ultrapassamos o aspecto ideológico próprio que a alegria tem dentro de nossa sociedade podemos responder que a felicidade é um elemento constitutivo do ser humano e merece uma busca própria e pessoal de cada homem. Ela é o contraponto da dor, sofrimento e morte que marcam a vida humana.

A alegria, quando desprovida dos componentes culturais discutidos anteriormente, exterioriza essa felicidade. Portanto, a busca do homem reside na felicidade e não na alegria ou gratificação. A felicidade não deve ser obrigação inconsciente e

sim meta. O caminho para atingi-la depende de nossas opções pessoais, sejam elas filosóficas ou religiosas.

Portanto, não somos obrigados a expressar seu fruto autêntico, a alegria, enquanto não o possuímos. Mas isto não significa que devemos transformar a angústia existencial em forma amarga de convivência humana. Viver é encontrar tempo para tudo: para plantar e colher, para chorar e para se alegrar.

Objetivos e metas

Fui surpreendido com um pensamento insistente sugerido ao cérebro durante uma missa dominical. O celebrante, elegendo alguns problemas atuais, citou a falta de objetivos na vida. Passei a refletir se tinha ou não objetivos na vida. Conclui provisoriamente que não os tenho. Mas todo o pensamento precisa ir a radicalidade, ou seja, buscar uma raiz profunda. E por isso resolvi criar este texto, para me descobrir enquanto escrevo.

Numa metodologia nada ortodoxa, iniciei uma conversa com uma aluna pelo MSN:

M: Bom dia

J: *Bom dia professor*

M: Estou fazendo uma pesquisa pessoal. Qual seu objetivo na vida?

J: *MEU OBJETIVO NA VIDA É APENAS SER FELIZ*

M: Quais as metas que você persegue para conseguir isto?

J: *É CONSEGUIR ME DAR BEM PROFISSIONALMENTE E NO AMOR, É CLARO.*

M: O que é se dar bem em cada um destes casos?

J: NO PRIMEIRO É CONSEGUIR SER UMA PROFESSORA (O Q QUERO MT) COM TALENTO.

J: NO SEGUNDO É TER ALGUÉM QUE CONSTRUA UMA FAMÍLIA FELIZ COMIGO

M: E depois que você atingir estes objetivos, o que pensa em fazer?

J: ISSO É O QUE QUERO DE IMEDIATO!!! O DEPOIS NÃO COSTUMO PLANEJAR COM MUITOS ANOS DE ANTECEDÊNCIA. COMO DIRIA O MEU PAI “PRIMEIRO AS COISAS PRIMEIRAS”.

M: Você tem razão. Se eu tivesse os mesmos objetivos, teria atingido o primeiro aos 23 anos e o segundo aos 27 anos. Agora acho que preciso de outros objetivos...

J: MAS NUM FOI ASSIM Q ACONTECEU NÃO?

M: Sim. Mas cachorro quando corre atrás do pneu de carro e o carro pára, atingiu seu objetivo de perseguição.

Desta conversa, talvez tenha encontrado a primeira razão. Não tracei novas metas e apenas atendi demandas que foram aparecendo, agi sempre sem o sabor de uma luta. Numa analogia com o futebol, sou um atacante “banheirista”, que não busca jogo, apenas espera a bola chegar para fazer gols. Dos 15 aos 35 anos, chegaram tantas bolas para fazer os gols, que não tive tempo em pensar em objetivos. Atingi tudo que queria sem formular objetivos explicitamente.

Portanto, deste texto saiu uma determinação, um objetivo que desejo atingir até o final deste ano. Meu objetivo é ter um objetivo que precise pelo menos 20 anos para ser atingido ou que seja inatingível. A primeira meta para atingi-lo foi este texto.

A sociedade capitalista já propõe muitos objetivos, mas estes, quando atingidos, dão a sensação canina de não poder morder o pneu do carro parado. Os amigos podem sugerir alguns objetivos, e de bom grado avaliarei se eles me são adequados.

Os cumprimentos

Numa comunicação, a escolha do cumprimento inicial pode ficar dramática, se o teor da mensagem também o for. Por exemplo, o “querido amigo” pode ser uma antecipação de um rompimento com o namorado. Dificilmente a efusão de sentimentos transparece nos cumprimentos iniciais. A mudança de tratamento numa correspondência continuada sinaliza um desejo de intimidade e aproximação. Quando respondemos a alguém, geralmente, pescamos como foi o tratamento que nos deu e repetimos a fórmula feita.

Existe uma música do Vanderley Cardoso que traz também esta antecipação da dramaticidade ao telefone: “logo notei, quando telefonei, pelo seu jeito de falar...”. No telefone acontece algo diferente em relação à carta e ao e-mail, quem liga se preparou e escolheu o melhor momento de ligar, quem atende é obrigado a fazê-lo a qualquer momento. Deste modo, pode existir uma tensão que advém das circunstâncias e pode precipitar o rumo de uma comunicação. O simpático vendedor em frente a você pode parecer um papagaio enfadonho ao telefone. Porém, existem fases na vida que apenas um telefonema retira o sentimento de culpa de uma parte e dá mais fôlego a outro para viver.

Os e-mails ainda constituem um território sem lei. Ou seja, ainda não estão balizados pelos limites da cultura. Daí aparece de tudo. Há uma profusão de fórmulas desde a composição do assunto até a abordagem inicial sempre querendo captar nossa atenção. O e-mail de um amigo ou de qualquer pessoa com vínculo mais próximo é escrito com tamanha displicência que desobedece às regras gramaticais e às vezes o próprio conteúdo é esquecido. Tenho certeza que não foi apenas comigo que aconteceu a declaração patética do tipo: “Estou mandando agora o anexo separado, pois no outro e-mail esqueci de mandar o anexo junto”.

O desejo de relacionar-se leva ao de comunicar-se: *Não sei escolher uma flor para te dar. Não sei o que dizer ao telefonar. Pensei em escrever para te contar. Mandeï meus colegas te avisar. Tenho medo de tua reação. Tenho receio do meu coração. Parece mais fácil fugir desta comunicação!*

Os sensores da realidade

No encontro entre pessoas que se amam há o aguçamento de todos os sentidos. Um dos companheiros pode desejar o outro pensando: “quero sentir o sabor do teu beijo, o cheiro do teu cangote, quero te ver toda nua e apalpar teu corpo todo e, depois, quero ouvir você dizer que está gostando de minhas carícias”.

Ainda é clássico falar dos cinco sentidos que o ser humano tem para captar a realidade (olfato, audição, visão, tato, paladar). Os sentidos podem até nos enganar mas são nossos primeiros sensores do que nos rodeia. Armazenamos as informações que obtemos pelos sentidos no cérebro e trabalhamos a partir delas para a compreensão do mundo.

Aquilo que temos armazenados na memória representa a nossa própria cultura. Quem teve a possibilidade de participar de uma farinhada traz, na memória olfativa, o cheiro da manipueira (gás cianídrico) e o associa, de modo harmônico, com tudo que os demais sensores captaram naquele ambiente.

Quando uma família abre um vinho e faz o brinde, tocando as taças, estão aguçando, com o “tintim”, o quinto sentido que faltava para apreciação daquela bebida (audição). De fato, para perceber a cor do vinho se necessita da visão, para os aromas do vinho se precisa do olfato, o sabor precisa do paladar e, além

disso, é necessário segurar a taça de vinho para bebê-lo (tato). Portanto, com o brinde se completa o uso de todos os sentidos.

O aumento do uso de tecnologias digitais, que exploram as imagens e os sons, trazem para seus usuários uma capacidade ampliada para o mundo virtual e uma redução de capacidade do mundo real. Numa conversa pelo msn, numa troca de e-mail ou em qualquer outro tipo de encontro virtual se sobressaem apenas visão e audição. Não se capta as outras informações sensoriais importantes das pessoas com as que se relaciona.

A ausência de qualquer destes sentidos é considerada uma deficiência e o organismo tenta completar ampliando a sensibilidade dos demais sentidos restantes. Mas o ideal é manter o maior número de sensores ligados para captar melhor o mundo. Não é à toa que alguns tentam identificar como um sexto sentido a intuição, que melhor seria entendida como uma grande administradora de todos os sensores que temos disponíveis para captar a realidade.

Embora os humanos não tenham feromônios (hormônios sentidos pelo olfato que atuam na comunicação sexual), o cheiro característico de cada indivíduo pode ser identificável pelos que lhe são próximos. Qualquer encontro entre as pessoas deveria se passar pelo aguçamento de todos os sentidos. Nenhuma pessoa deveria ser, como as propriedades da água, inodora e insípida, para os outros.

O ser humano tem muito mais sensores que os sentidos clássicos conhecidos e todos estão a serviço de representar ao cérebro o ambiente circundante (meio físico e o meio social). Na vida em sociedade, temos que conhecer os outros de uma maneira mais limitada, pois não podemos estar sempre usando todos os nossos sensores devido às convenções sociais. Na comunicação virtual, este limite ainda é mais drástico pela limitação técnica.

Pena de morte

Meu filho me sugeriu que escrevesse sobre pena de morte. A justificativa dele para o pedido foi simples: “você escreve sobre muitas coisas”!. O tema ele deve ter retirado de alguma discussão de escola, pois estuda em uma escola confessional de Teresina. Pelo tom do pedido, não parecia que houvesse uma problematização do assunto. Também não esperava por isso.

Há muitas maneiras de argumentar a favor ou contra a pena de morte, por isso vou preferir apenas expor algumas das penas de mortes que conheço pela história e em nossa sociedade. Por exemplo, Herodes lançou a pena de morte sobre todas as crianças de 0 a 2 anos. O aborto também é uma pena de morte sem possibilidade de escapar. Quem executa ou ordena o aborto, assim como Herodes, deve ter argumentos fortes para justificar tal ato.

O suicídio é uma pena de morte imposta pelo próprio autor. Ele desconcerta a sociedade. Há uma incompreensão latente neste ato. A vida tem um valor que supera o próprio vivente. No suicídio houve uma opção deliberada de quebrar, de maneira extrema, o laço com a sociedade. Não há heroísmo no ato. Ele expõe as feridas coletivas da sociedade por ter criado um modo de vida que não é adequado para toda espécie humana.

Ninguém sabe porque Judas se suicidou, ele desconcertou os primeiros cristãos. A mancada que ele deu não era maior que a mensagem de misericórdia de Jesus. Pedro também traiu e depois virou chefe da Igreja. O que leva uma pessoa ao desespero é a falta de misericórdia dos outros e também a falta de misericórdia para consigo mesmo.

Quem mata ou manda matar alguém atingiu, no nível psicológico, uma situação crítica. Quando esta situação crítica é compreendida como real pela sociedade, a morte de outrem é tida como legítima defesa. O assassinato é uma pena de morte imposta a outrem por razões que não são coletivas, são individuais. Mas a lei de Talião (“olho por olho, dente por dente”) não é aceita nas sociedades modernas.

A sociedade repudia as ações individuais que não são feitas em seu nome. Isto explica a necessidade de regulamentação da morte dentro da sociedade. Este é o argumento principal em defesa da legalização da pena de morte. Mas quem pode ser morto em nome da sociedade?

Os países que adotam a pena capital têm uma receita variada sobre os crimes que precisam de um afastamento definitivo da sociedade e do mundo dos vivos. Por exemplo, o filósofo Sócrates, na Grécia, sofreu a pena de morte por corromper a juventude com seus ensinamentos.

Os judeus do primeiro século não podiam aplicar a pena de morte. Já os romanos podiam matar, principalmente por razões de Estado. Ou seja, os inimigos do imperador romano podiam ser decapitados ou crucificados. Quem acha que a história é velha, procure a história de todas as ditaduras européias, latinas e africanas do último século.

A eutanásia é uma deliberação pela morte diante da dor e do sofrimento extremo do paciente. Mas quem deve solicitar a morte: o paciente, a família ou a sociedade? A quem incomoda

aquela dor, aquele sofrimento a ponto de solicitar antecipação do fato mais certo da vida: a morte?

A crucifixão praticada pelos romanos causava muito sofrimento e a morte demorava a chegar. Para apressar a morte, reduzir o sofrimento ou esconder os mortos-vivos que estavam sendo crucificados, bastava quebrar os joelhos que mais facilmente morriam, esta foi a “eutanásia” dos companheiros de cruz de Jesus.

A discussão sobre pena de morte não pode ser deslocada de uma visão sobre o modo de viver em nossa sociedade. Mas também não pode fugir de compreender o binômio vida-morte do ser humano e o significado que isso representa.

As determinações biológicas do homem indicam que ele é mortal. Apressar a morte por qualquer meio, aceito ou não pela sociedade, é uma forma de retorno a barbárie. Nesta questão da pena de morte, fico com o imperativo categórico: não matarás!

Qual a moral da história?

Ao conversarmos sobre moral, estamos conversando sobre o homem que vive em sociedade. A consciência moral de cada homem é formada no seio de uma sociedade e é através da absorção, reflexão e refração dos valores morais desta sociedade que criamos os nossos valores.

Jean Piaget fez uma pesquisa sobre o desenvolvimento do critério moral em crianças e, a partir destes resultados, postulou que a formação da consciência moral segue quatro etapas: anomia, heteronomia, socionomia e autonomia.

A palavra *nomos* significa lei, portanto podemos ver estas etapas de desenvolvimento da criança como passando da ausência da lei (anomia), para a lei dada por outra pessoa (heteronomia), devido a alguma relação de dependência (por exemplo, pai, mãe, patrão, etc.). Depois a lei é dada pelo grupo social (socionomia) a que pertence (família, escola, vizinhos, igreja, gangues, tribos, etc) e por fim a lei nasce dentro do próprio indivíduo (autonomia).

Quando discutimos um determinado ato moral, temos que fazê-lo em relação à consciência moral. Um ato só pode ser considerado moral, se for livre. A coação, interna ou externa, exime o praticante da responsabilidade moral.

A responsabilidade moral de uma pessoa atormentada por um problema psíquico pode vir a ser completamente nula devido à coação interna da patologia. Em outras palavras, o psicótico pode não ter qualquer remorso sobre um homicídio que venha a praticar.

O mesmo pode acontecer em relação à coação externa, por exemplo, uma pessoa é obrigada a cometer um delito, quando ameaçada em sua integridade física ou psicológica. Em relação ao delito cometido, o praticante não tem remorso, pois não agiu com liberdade.

Os casos mencionados acima referem-se à responsabilidade moral do indivíduo diante de sua consciência e não à responsabilidade de seus atos perante a lei. O julgamento da lei pode diferir da auto-censura moral.

Os valores morais estão presentes na nossa vida, pois não existe vida social sem a presença de regras ou normas de conduta. Toda norma moral, fruto das relações sociais, deve ser interiorizada para que os atos dos indivíduos possam ser considerados morais ou imorais. Ou seja, uma ação realizada será moral ou imoral, dependendo do acordo ou não com a norma moral estabelecida na comunidade.

A transgressão de uma norma moral tem reflexo sobre as relações do indivíduo com a sociedade em que está inserido, sendo, portanto, o seu comportamento classificado, por este grupo social, como moral ou imoral. Um ato classificado como imoral pelo seu grupo social, pode não ser considerado assim pelo indivíduo, se o mesmo não assumiu internamente esta norma moral.

É claro que, quanto maior sua aceitação das normas morais do grupo, maior a adesão de um indivíduo a um grupo social. A moral é dinâmica, pois as normas morais podem e são constantemente transgredidas. Na mesma medida, podemos dizer que a vida em sociedade é possível, já que as normas morais existem e são obedecidas.

São Paulo, na carta aos Romanos (Rom 12,2), mostra que conhecia bem este aspecto dinâmico da moral na sociedade e, por isso, convoca os cristãos a mudar o mundo, segundo os valores do cristianismo. Portanto, a evolução moral de uma sociedade deve ter um *télos*, uma finalidade. Qual a moral da história, então?

Transgressão e obediência às normas morais de uma sociedade correspondem ao acelerador e o freio em relação às modificações que sofrem cada sociedade. Devemos saber o que transgredimos e o que aceitamos da moral de nossa sociedade, segundo a nossa visão de mundo, de homem e de Deus. Isto é autonomia, a última etapa do desenvolvimento da consciência moral.

Registro de uma passagem

As virtudes dos distantes e dos mortos são mais facilmente percebidas e ressaltadas, pois desequilibramos a balança ao retirar os vícios que se tornam mais visíveis na presença. O tempo, aliado a nossa memória seletiva, ajuda a pinçar fatos e acontecimentos pitorescos ou heróicos que desbalanceiam ainda mais a recordação de uma pessoa ausente. É claro que existe a figura do puxa-saco, que reconhece mérito onde não existe, pois tem outros interesses envolvidos nessa atitude.

O convívio diário reduz o peso das virtudes e resalta o dos vícios. Comumente somos muito dispostos a exigir a perfeição dos outros, segundo o entendimento particular que temos da realidade que nos cerca e somente com dificuldade reconhecemos o mérito das pessoas. Por isso, o desabafo “quem quer ser bom, que morra ou viaje!” parece conter uma comprovação na prática.

O que classificamos como vícios ou virtudes depende das necessidades do “mercado”. Fugir do perigo iminente já foi considerado covardia. Agora fugir do perigo potencial é considerado prudência. Nessa ausência de tradição, que assegure o que é importante ou não nesta vida e que marque uma pessoa por seu caráter, resta a tendência de ser utilitarista e apontar,

quando muito, aquilo que é ou foi bom em determinada pessoa em relação as nossas próprias prioridades.

Portando, seguindo assim uma visão utilitarista, faço agora o registro de uma passagem, não de um morto, mas de um vivo e bem vivo trabalhador com quem convivi nos últimos dez anos.

Toda história tem uma “história” e esta começou quando retornei do doutorado em 1995. Tendo adquirido um terreno de 3000 metros quadrados, contratei um “jardineiro” para tomar conta. No decorrer deste tempo foi construída uma casa neste local que hoje é minha residência. As diversas atividades da casa e do terreno foram ampliando o leque de necessidades profissionais. E o “jardineiro” foi se qualificando para todas elas.

Recentemente fui surpreendido com a idéia que ele teve de deixar o trabalho para morar no campo, criando bode numa fazenda de seu sogro. A idéia não me pareceu vantajosa para ele e muito menos para mim, que já tinha acostumado em ter um “contra-regra” em casa. Uma pessoa que podia contar em todos os momentos. Pensei inicialmente na frase clássica “ninguém é insubstituível”, mas sei que ela não é verdadeira. As coisas são substituíveis, as pessoas não. Respeitando sua vontade e ainda tendo um lampejo de esperança de que ele repensasse sua decisão, combinamos que no dia seguinte ele traria a carteira para ser dado baixa e receber os direitos trabalhistas.

Foi com este cenário que fui dormir à noite e comecei a pensar numa solução para o problema. O substituto precisaria saber tratar da piscina (piscineiro), dirigir (motorista), assar uma carne (churrasqueiro), consertar instalação hidráulica (bombeiro) e elétrica (eletricista), pintar muro (pintor), fazer limpeza externa da casa (faxineiro), tomar conta da casa durante minhas viagens (vigia), tomar conta da criação das galinhas e recolher as frutas (caseiro), etc. Além disso precisaria ser “jardineiro”. Mas onde arranjar um empregado doméstico com tantas qualificações?

Como é que “ninguém é insubstituível”, se foram necessários dez anos de convívio e confiança mútua? Defeitos ele tinha vários, mas nenhum que fosse maior que os meus e digno de nota. Existe duas coisas que não posso deixar de reclamar: ele é um fumante e também tem “mão ruim” para as hortaliças. Em relação ao primeiro ponto, sou mais virtuoso por conta de uma asma na infância e adolescência que me afastou de vez da possibilidade de ser fumante.

A noite mal dormida foi recompensada com o telefonema que recebi muito cedo na manhã seguinte: “professor, esqueça tudo que falei ontem!”. De qualquer modo, fica o registro de passagem de uma das tantas pessoas insubstituíveis que passaram por minha vida.

Resolver ou dissolver

Talvez seja possível montar um questionamento shakespeariano do tipo “resolver ou dissolver, eis a questão”. Diante de uma questão, de um problema, podemos tomar uma das duas atitudes: resolver o problema ou dissolver o problema. Um problema de verdade precisa de resolução e um problema fictício precisa de dissolução. Parece até fácil entender, quando as coisas são colocadas desta maneira.

Mas agora estamos diante da mesma pergunta de Pilatos: “o que é a verdade?”. E novamente temos um problema que não sabemos se devemos resolvê-lo ou dissolvê-lo. Um matemático e um químico podem estranhar esta conversa fiada que parece por demais filosófica. Afinal, o primeiro está acostumado resolver problemas (matemáticos), encontrando suas soluções e o segundo está acostumado a preparar soluções, dissolvendo as amostras (problema).

Deus é a dissolução de todos os problemas. A mediação necessária entre Deus e o Homem feita pelas religiões pode não dissolver toda a problemática humana e devemos por conta própria, qualquer que seja a profissão, encontrar as nossas soluções para o viver neste mundo.

As diversas profissões têm sua maneira particular de tratar problemas ou soluções. Na área médica, onde a doença é problema, vale a máxima “é melhor prevenir que remediar”. Deste modo, a solução antecede os problemas. A medicina preventiva trata de aplicar uma solução antes que exista o problema. Mas, quando falha a prevenção e aparece o problema, então é hora de remediar.

O engenheiro fornece soluções aos problemas que lhe são apresentados. São sempre soluções técnicas para problemas técnicos. Quando ele enfeita muito na solução vão pensar que ele é arquiteto, designer, decorador, etc. As soluções estéticas ficam sempre em segundo plano. Caso ele tente dissolver problemas, será confundido com administrador ou político. Portanto, o engenheiro prefere sempre resolver e não dissolver os problemas.

Na área jurídica, onde a justiça é a solução, a lei é a fonte de todas as controvérsias (problemas). Saber onde se encontra a justiça é uma tarefa tão especializada que, muitas vezes, não pode ser fruto do bom senso entre as partes. Cada parte se faz representar por especialistas em leis, que se enfrentam em tribunais, onde sempre as partes terão sua vitória de Pirro! Parece até com o futebol, os verdadeiros campeões são os cartolas que organizam a partida.

O problema é a matéria-prima para a construção das soluções artísticas (obras de arte). A catarse se dá com a explosão artística. Esta purificação de todos os problemas através da arte é própria do artista durante a criação e do seu público durante a fruição. A arte não resolve ou dissolve os problemas, ela é o momento de suspensão. É a solução anestésica à dor de viver que todo homem sente.

O filósofo constrói ou reproduz questionamentos (problemas). Suas soluções são novos problemas ou aporias (espécie de “sinuca de bico”). Caso os problemas sejam sobre a vida em sociedade, quando ele se mete a propor soluções aplicáveis,

será chamado de sociólogo, assistente social ou político. Soluções filosóficas aplicáveis aos dramas humanos podem ser tachadas de psicologia ou psicanálise. O filósofo não resolve ou dissolve problemas. Ele problematiza a vida para confirmar que o homem não é apenas um animal.

Mas, se “de médico, poeta e louco, todos temos um pouco”, faltou dizer apenas que o louco é um ser humano que não tem problemas e nem soluções, para viver ou morrer...

Saudação

A cortesia ou o costume comandam a nossa saudação. O momento e as circunstâncias colocam a emoção ou a razão no controle dos movimentos. As técnicas e as etiquetas sociais ajudam a refrear o desvelamento nosso e do outro no encontro/confronto da vida social. A aspereza do trato desconcerta o interlocutor e coloca-o na defensiva. Pode revelar franqueza ou grosseria, mas, acima de tudo, revela a batalha vivida em cada encontro/confronto com outro ser humano.

A fluência natural revela o acordo tácito, as regras sociais, a adequação ao meio e a extroversão pessoal. O introvertido sofre no trato social e o extrovertido sofre na solidão. Todos sofrem a angústia de estar consigo mesmo ou estar com os outros. O menor dos dois sofrimentos marca o nosso caráter.

Superado o primeiro momento, seguem-se os objetivos explícitos da comunicação. Mas todo encontro é também um desencontro. Nós conhecemos as falhas de comunicação próprias de nossa língua, de nossa cultura e da própria metafísica. Górgias, sofista grego, traduz isto de maneira magistral: a) “O ser não existe”; b) “Se existisse não seria cognoscível”; c) “Se fosse cognoscível não seria exprimível”.

Quão frustrante é a comunicação de uma grande alegria ao receber aquelas felicitações desproporcionais, ou comunicar uma grande dor e receber a solidariedade formal. Nunca comunicamos do modo como sentimos e os nossos interlocutores nunca sentem do modo como nós comunicamos, por isso, quanto mais profundo e intenso o sentimento, menos comunicável ele se torna.

Existem realidades na vida humana que, pela sua incomunicabilidade própria, não permitem uma explicação, mas podem ser compreendidas. O amor é um exemplo, gasta-se tantos adjetivos (o amor é ...) para explicar e caracterizar aquilo que não se entendeu com a razão. Porém, o amor pode ser compreendido por todo homem, desde que seja o homem completo, portanto, coração e a razão. A verdadeira comunicação se dá quando a compreensão supera a própria explicação midiática.

Se tem que ser macarrão, que seja à pizzaiolo

Algumas frases marcaram a nossa história e outras a nossa própria vida ou a vida de outros. O gosto por frases foi captado por alguns jornais e revistas que mantêm uma seção de frases. Por mais clara que pareça, uma frase solta estará sempre fora do contexto em que foi pronunciada. Para ser compreendida, a situação precisa ser recriada ou compartilhada por quem leu ou ouviu a frase.

Guardei algumas frases que o Didácio, professor de História do Diocesano na década de 70, repetia com a sua majestosa voz para assinalar algum momento histórico. Algumas delas tenho repetido até o abuso (*ad nauseam*) para mostrar minha (falsa) erudição e compreensão da História a meu filho ou aos meus alunos. O blefe das frases ajuda quando me faltam os conhecimentos. Papai, na mesma situação, gostava da frase “me falta à memória, mas não me falta o conhecimento”.

Muitas frases históricas podem facilmente tornar-se atuais quando devidamente contextualizadas. Por exemplo, de Júlio César, imperador romano, temos algumas pérolas: “vim, vi e venci” (o sucesso), “a sorte está lançada” (a decisão) e “até tu, Brutus, meu filho (a traição).

“Se tem que ser macarrão, que seja à pizzaiolo” esta frase não é histórica e nem sequer foi pronunciada. Ela acaba de ser escrita. Ela foi pensada desde sábado para ser pronunciada no domingo, no início da manhã. Estamos agora numa segunda-feira e o almoço de ontem foi macarrão com sardinha. Então esta frase ficará para o próximo domingo. Mas preciso treinar mais para ser convincente...

Quem compartilha a tradição de uma família italiana sabe que a “pasta” é algo quase sagrado. Aprendi isto na semana que convivi com os Lecchi na Itália em 1981 e com os Ciaramella desde de 1987. Agora metade de minha família é também italiana e também tenho que enfrentar um macarrão dominical.

Uma frase que entrou para o vocabulário político recente, “tudo acaba em pizza”, veio também das discussões e divergências futebolística entre dirigentes do Palmeiras (antigo Palestra Itália), como não chegavam a qualquer conclusão, decidiram ir comer pizza. Se a origem da frase não é bem esta, não entro em querela, pois pizza é uma das massas de que gosto muito.

As frases que compõe os ditos populares também marcam, pois estão enraizadas na cultura. Mas a cultura é dinâmica e podemos perder o significado da frase pois o contexto também se foi. Por exemplo, a frase “quem não pode com o pote, não pegue na rodilha” merece uma explicação para ser entendida e depois abstraída dela o significado do ditado popular.

O dicionário Aurélio ainda registra o significado de rodilha: “Pano enrolado como rosca, usado na cabeça, e sobre o qual se assenta a carga”. A carga é o pote com água para abastecimento familiar. No interior, onde não há abastecimento com água encanada, ainda se vê pessoas carregando água na cabeça para suprir as necessidades básicas.

Ninguém pode começar um empreendimento, se não avaliou adequadamente as suas possibilidades de êxito. Esta é a

versão moderna e citadina da frase “quem não pode com o pote, não pegue na rodilha”. A sabedoria popular, neste caso, bebeu no próprio evangelho. Jesus contou histórias de quem construía uma torre e não tinha como acabar ou de quem partia para guerra com menos soldados que o exército inimigo.

E o texto termina agora em pleno domingo. Será macarrão novamente, mas com bacon. Portanto, este texto, e não a frase “se tem que ser macarrão, que seja à pizzaiolo”, é o modo como pretendo ser convincente o suficiente para arbitrar meus “grandes” conflitos domésticos.

Sem título provisório

Fiquei temeroso em colocar o título devido, pois, sendo este um dos pontos importantes para atrair a leitura de um texto, poderia espantar o leitor desta página. Escondo agora dentro deste primeiro parágrafo o título provisoriamente verdadeiro: “**aposentado?!**”. Não se trata de preconceito ou apologia ao aposentado, mas do espanto diante da própria aposentadoria que me acena de longe através dos que me atribuem mais idade ou tempo de serviço do que realmente tenho.

Do espanto nasceu a filosofia e também dele pode nascer um texto. A introdução é a parte constitutiva e fundamental de uma boa redação. Prometo não me perder nos prolegômenos filosóficos, ao anunciar que todo discurso tem uma introdução e, como a própria vida é um discurso, ela, para existir, um dia precisou de uma introdução. Não devo, portanto, transgredir a norma.

Em dezembro de 2005, pela primeira vez alguém me disse que “pensou” que eu estava aposentado. Estranhei a conversa e contei a minha batida história. Comecei a vida de professor de Química, muito jovem, no Colégio Diocesano. Era 1978, tinha 18 anos e acabara de passar no vestibular para engenharia civil quando fui chamado pelo Padre Florêncio para lecionar Química naquele colégio. Meus alunos estavam na faixa de 15 a 16 anos de idade.

Logo no início do ano de 2006, novamente alguém, reportando uma conversa com um ex-aluno meu da UFPI, repisou o tema da aposentadoria. Na Universidade Federal do Piauí também comecei cedo. Tinha apenas 23 anos de idade quando comecei lecionar Química na UFPI. Portanto, no ano de 2006, completei 28 anos no magistério (20/02) e 23 anos como professor universitário (28/03). Ainda estou longe da aposentadoria e na flor da idade.

Ao fazer uma retrospectiva da opção pela carreira acadêmica, sempre a coloquei como fruto do acaso e do senso de oportunidade. Resolvi fazer licenciatura em Química em 1979, pois já era professor de Química. Formei-me em Química primeiro, pois o curso era mais rápido de fazer que o de engenharia civil. Entrei como professor da UFPI porque houve concurso no ano seguinte à minha formatura.

Contudo, no início do ano, recebi um e-mail de um colega de ginásio do Diocesano que disse uma frase curiosa. Ele viu que eu segui a carreira acadêmica, “como era previsível”. A previsibilidade não faz parte de minha história. Fiquei perturbado com isto.

É claro que todas as nossas histórias são idealizações a partir dos elementos que restaram na nossa memória. Mas podemos inconscientemente falsificar nossas memórias para mostrar um fio condutor coerente nas nossas vidas. Geralmente contamos as nossas vidas com dramas e indecisões menos intensas do que experimentamos no momento.

Por mais sincera que seja uma fonte autobiográfica, ela não tem condição de ser precisa em todos os detalhes, nem na própria interpretação dos acontecimentos. Acho que nem eu nem meu colega temos razão nos fragmentos de histórias passadas. Portanto, declaro que não acredito em minha história nem na coerência e racionalidade de minhas decisões.

Entretanto, vou ficar repetindo-a até me aposentar por não ter uma melhor para contar aos meus alunos.

Sou do bem?

Ao ouvir pela primeira vez a expressão “sou do bem” achei interessante, pois diante de tanta maldade que se vê no mundo, a autodefinição mostra a confiança de se trilhar caminhos éticos e morais corretos em um mundo que parece estar virado de cabeça para baixo. A mania de refletir sobre tudo me leva a questionar certezas, como por exemplo, se eu posso também dizer, com tanta segurança, “sou do bem!”. Como cristão, tenho como referência que apenas Deus é Bom. Portanto, só posso dizer que também desejo ser bom.

Ainda tenho outro problema com a expressão “sou do bem”: a certeza. Muitas das certezas são enganadoras e traduzem mais preconceitos que Verdades. Certo dia, um investigador de polícia me disse que conhecia bandido pela “cara”. Esta “certeza” é perigosa, leva a equívocos lastimáveis. Não quero enumerá-los, pois conheço poucos exemplos, e estes seriam considerados exceção pelos adeptos da regra geral de “se distinguir bandido pela cara”.

Talvez exista um gosto especial na natureza humana de estabelecer opostos para facilitar o posicionamento no mundo: esquerda-direita na política, certo-errado na religião, bonito-feio na estética, bom-mau na moral, bem-mal na ética,

etc. Contudo, entre o preto e o branco, há uma infinidade de possibilidades de tons de cinza que não permitem certezas entre oposições simplistas do tipo preto ou branco. Mas, se isto acontece, porque há um interesse em definições simplistas sobre questões complexas?

A oposição histórica entre o verdadeiro e o falso esconde realidades que não desejamos enfrentar no calor das discussões. Em muitas circunstâncias é necessário reconhecer as verdades do “falso” que detratamos ou as falsidades do verdadeiro que defendemos. As posições simplistas não exigem reflexão, apenas “certezas”. As posições simplistas podem ser alcançadas através da linguagem do marketing, dos discursos demagógicos, das posições fanáticas, etc.

Não existe uma verdade absoluta em que se possa confiar. Se existe, não se pode conhecer. Se for possível conhecer, não é possível comunicar aos outros. Este encadeamento, já afirmado pela sofística grega, é uma conquista e um mal-estar do pensamento ocidental (pós-) moderno. De fato, atualizando este relativismo, sabemos que pessoas diferentes vêem coisas distintas ou a mesma pessoa vê coisas distintas em tempos diferentes, para uma mesma cena. Mas será que o comportamento moral ou a postura ética podem ser definidos numa sociedade a ponto de alguém, diante desses parâmetros, poder afirmar “sou do bem”?

O “sumo bem” do pensamento platônico não ressoa mais em nossa sociedade. O ateísmo prático não tem valores para apresentar. O cristianismo parece ainda tatear numa resposta adequada ao homem de hoje. Deste modo, a expressão “sou do bem” aparece como uma busca de referencia para nossos tempos.

O comportamento moral dos indivíduos numa sociedade é dinâmico, mas pode ser cristalizado pela legislação ou seja pelas leis que governam aquela sociedade. Portanto, caso a legislação acompanhasse a dinâmica da sociedade, as leis seriam um parâmetro adequado para estabelecer quem é do bem. Deste modo,

a expressão “sou do bem” teria o mesmo significado de “sou legal”. De fato, já convivemos com expressões parecidas.

Após negar a validade da expressão “sou do bem”, creio que, apesar de tudo, como força-motriz para o Bem, vale a pena continuar dizendo “sou do bem”, nem que seja para um dia poder mesmo ser do Bem, seja lá o que isto signifique.

Teimosia

A teimosia não se encaixa nem no elenco das virtudes nem no elenco dos vícios, talvez até pela dificuldade de enquadrar a atitude dos “cabeças-duras”, que insistem em idéias ou ações que, na classificação da maioria, estão fadadas ao erro, fracasso, ou outra impossibilidade qualquer.

O teimoso é o sujeito chato porque não sucumbe facilmente à obviedade apresentada pelos outros. Ele freqüentemente se engana e tem que agüentar a censura social a seu comportamento, ampliada pelos fatos. Mas, às vezes, a teimosia, a insistência, a obstinação podem fazer a diferença entre o cidadão conformado e o cidadão inquieto que deseja um mundo diferente.

A teimosia não é sinônimo de irracionalidade, mas de obstinação naquilo que parece estratégia equivocada. Os grandes líderes foram teimosos. Devido a isso, foram capazes de grandes acertos e de monumentais erros. A teimosia nasce de uma diferente avaliação tática do momento. Na política temos assistido a teimosias vitoriosas e visto outros tantos teimosos fracassarem ao ponto de admitirem o empobrecimento ilícito.

A teima é definida no dicionário Aurélio como “insistência em fazer alguma coisa, ainda que enfrentando dificuldades ou obstáculos; teimosia; obstinação”. A raiz da palavra vem do grego

théma, ‘assunto de um discurso’, ‘proposição’. A teima pode ser entendida como a reprodução de um mesmo discurso o tempo todo. Lembra a música “florentina, florentina ...” do Tiririca.

Não há receita mágica, ser ou não ser teimoso não é uma questão filosófica que mereça escolha. Também não é uma questão ética que necessite discernimento sobre o bem ou o mal. É uma postura corajosa de quem aprecia o consenso, mas agüenta viver no dissenso. O medroso nunca é teimoso. Se você não for o teimoso, vai achar o teimoso sempre um chato. Ele lhe questiona por querer algo diferente.

Para quem quer se apegar à tradição cristã, podemos encontrar tanto a condenação à teimosia (o povo judeu é chamado de “cabeça-dura” por rejeitar a mensagem de Deus) como o seu incentivo (a oração pode ser um pedido “teimoso” a Deus).

A teimosia acontece em toda fase da vida, mas tem idade preferencial. Na adolescência somos classificados de birrentos por nossos pais. Quando eles já estão bem idosos é a nossa vez de classificá-los de teimosos.

Muitas vezes, fica difícil mesmo saber quem é o teimoso numa situação. Naquele brinquedo chamado “João Teimoso”, o teimoso é o dono do brinquedo que repete o gesto de inclinar o brinquedo, sabendo que o mesmo mecanicamente retornará à posição inicial.

Todos nós conhecemos algum teimoso próximo, cujas ações e idéias beiram à irracionalidade. Parece que não aprendem com os insucessos e continuam teimando. Mas, então, sobre a mesma palavra, mesmo comportamento, como separar o que é útil ou inútil na teimosia, para a comunidade? Como separar a teimosia do teimoso? Quem na vida nunca foi teimoso ou até se arrepende de não ter sido em algumas vezes?

Não sou tão teimoso a ponto de querer continuar a explorar mais ainda este tema. Deixo o resto para vocês, os especialistas. Colaborem!

Sinal de vida

Os sinais de vida física de uma pessoa são tão manifestos que qualquer acidente que reduza esta evidência chama a atenção de todos. É necessário checar se a vítima está viva o mais breve possível. “Você está bem?” Ouvir a voz seria uma tranquilidade, mesmo que a resposta seja não.

Na escala biológica da evolução, o homem é o ser mais complexo que existe na Natureza. Isto deve ser entendido numa abrangência que ultrapassa as determinações biológicas, pois, além da vida física própria dos mamíferos, o homem desenvolve uma vida mental, que ainda está longe de ser completamente compreendida.

Os meios de comunicação modernos podem admitir que seja lógica uma pergunta sem sentido, numa conversa face a face, como por exemplo: “cadê você?”. Mas, ao ser interrogado por telefone, por e-mail, etc. deseja-se saber como a vida do homem está empenhada em sua totalidade que ultrapassa a presença física. Ou ainda, como está empenhada na construção de relações com os outros homens ou com um interlocutor em particular.

A pergunta quer identificar um sinal de vida, que, para o homem, é antes de tudo a capacidade de manter relações com os outros. As dificuldades de se encontrar e poder constatar

sinais vitais nos amigos foi bem traduzida na composição “Sinal Fechado”, de Paulinho da Viola. Na sociedade da pressa, há dificuldade de encontrar sinais vitais. Quem não se sente vivo ou quem não sente vida nos outros, também não quer viver.

As formas tão óbvias de se mostrar vivo ao mundo, através do bate-papo com os amigos diante de sua presença física, foram perdendo espaço na sociedade atual. A tecnologia tem provido outros meios de comunicação,— mas estes não conseguem abarcar, na plenitude, a riqueza de uma conversa que se expressa em palavras, gestos e cadências. Apesar das novas tecnologias que encurtaram distâncias, e é bom receber notícias de um amigo distante, não se pode ampliar a virtualização das relações além das necessidades mínimas.

Não são, contudo, as tecnologias que estão modificando os hábitos de comunicação entre as pessoas. Elas atendem a uma forte demanda de mercado por comunicações impessoais, por relações “puras”, desprovidas de comprometimento humano e social com o outro. A violência e o medo contribuem para que as pessoas não sejam solidárias e fiquem presas em suas casas.

O que resta mesmo, agora, são os bate-papos pela internet, trocas de e-mails com os amigos etc. Este curso “natural” da vida com suas modernizações deixa uma herança pesada para as próximas gerações. A comunicação mediada pela tecnologia não consegue preencher a necessidade de interação humana, e nem mesmo a interação física consegue mais captar os sinais de socorro emitidos inconscientemente pela mente humana. Basta ver o número de diagnóstico de novas patologias, como a depressão e o estresse que atinge também os jovens.

Há um ditado popular, “os olhos são as janelas da alma”, que ressalta um modo de captar a vida no outro através do olhar. Mas talvez estejamos perdendo esta capacidade “diagnóstica”. É necessário manter o sinal aberto...à vida, à amizade, ao amor. Tudo isto dá prazer à vida.

Solidariedade e Paz

A campanha da fraternidade (CF) promovida pela Igreja Católica propõe, neste ano de 2005, uma reflexão que passa pelas palavras-chave: solidariedade, paz, violência. A promessa de bem-aventurança aos promotores da paz é evangélica e tão importante na atualidade (como foi há dois mil anos atrás!) que a CF 2005 envolve também outras igrejas cristãs e a sociedade civil organizada (que representa os homens de boa-vontade!). A CF 2005 é antes de tudo um apelo a todos os cidadãos para prestarem atenção aos valores que estruturam uma sociedade (solidariedade, paz, etc.) e um grito de alerta contra aquilo que pode levar a sua fratura (violência, corrupção, desemprego, injustiça). A campanha da fraternidade deste ano é a tradução, ou melhor, a atualização para crentes e não-crentes de valores cristãos que são importantes na sociedade brasileira.

A mensagem cristã é mais radical que a solidariedade que pode ser praticada coletivamente. Ela atinge o indivíduo e a sociedade ao mesmo tempo. Ela é explicada por uma história didaticamente construída por Jesus. No início temos uma cena de violência física, seguida de indiferença e preconceitos (outras formas de violência), depois aparece um exemplo de generosidade desconcertante, inimaginável na atualidade. O samaritano de hoje é aquele cidadão que apóia as obras sociais

assistencialistas, ou não, que reparam as injustiças e as violências de nossa sociedade.

A mensagem cristã é mais ampla que a paz a ser conseguida entre os povos. É mais profunda também pelo legado cristão de fraternidade universal e de pertença a um único povo (um só rebanho e um só pastor). A paz não é ausência de contradições, pois a história está cheia delas. A paz é uma condição *sine qua non* (indispensável) da vida cristã. A paz cristã é diferente de uma ordem imposta autoritariamente (*Pax Romana*).

Nos dias de hoje, a vida cristã é militância em diversas trincheiras de lutas: sem terra, sem pão, sem teto, sem nada, sem Deus! A paz é emprego, é justiça social, é tudo aquilo que enfrenta ou remenda as diversas formas de violência. De todas as armas na guerra pela paz, a mais poderosa é a solidariedade. Solidariedade e paz é a nova forma de ser do cristão no mundo, neste ano de 2005.

Teresina com S

Ao receber alguma correspondência que traz o nome da minha cidade escrito como “Terezina”, fico com vontade de iniciar uma campanha publicitária que teria o *slogan* “Teresina é com S”. Este assunto é para a prefeitura, que deveria zelar também pelo nome da cidade e exigir grafia correta em todas as correspondências.

Não me arrisco a sugerir a idéia, neste ano eleitoral, pois ficaria parecendo que o S seria do atual prefeito Silvio Mendes. Soltando a imaginação, teríamos o contraponto publicitário: “Se Teresina é com S, o Piauí é com W”. Portanto, neste ano eleitoral, as correspondências trariam Teresina-Piauí. Afinal, o Havaí é escrito Hawaii (em Inglês).

Aprofundando a questão, fiz uma estimativa da porcentagem de Terezina em relação a Teresina e cheguei ao número mágico de 2,15%. Chamei de mágico pois a metodologia é não ortodoxa e pode ser contestada facilmente. Portanto, creio que, de cinquenta correspondências que chegam à nossa cidade, pelo menos uma traz a cidade escrita com Z.

Parece muito pouco, mas não deveria acontecer de jeito nenhum. Talvez, na era da informática, os internautas piauienses possam iniciar esta campanha, descobrindo *sites* com a grafia

de Teresina errada e ensinando aos responsáveis das páginas como se escreve o nome de nossa cidade. Valia até a pena a criação de uma comunidade *orkut* com este título (Teresina é com S), com o objetivo de limpar os 2% de ignorantes, que ainda não fizeram a transição completa do nome **Therezina** para Teresina e apenas perderam o **h** (de **homem** ou de **mulher**).

Quando esta campanha se tornar gloriosa, já podemos iniciar outra, mas difícil e árdua que afetará inclusive todos os piauienses: “o Piauí tem assento”. Não seria bem a valorização do Piauí com assento entre os outros estados, na constituição da federação, mas algo mais simples lembrando a exigência do acento agudo na letra **i**.

O acento do Piauí não é um problema grave. É crônico, pois se estende a tantos outros acentos que desprezamos. Um levantamento feito com a mesma metodologia, não descrita anteriormente, aponta para 23% de grafia de Piauí sem o acento na letra **i**. Como o problema ultrapassa o nosso estado e atinge todas as palavras da língua portuguesa que são acentuadas, sugiro algo mais amplo, talvez um MSA (Movimento dos Sem-Acentos).

A poluição das metrópoles, por compostos sulfurados, existentes nos combustíveis como o óleo diesel, pode levar os ambientalistas, no futuro, também a desencadear uma campanha. Desta vez, o *slogan* seria “Teresina sem S”, ou seja, Teresina livre de poluição por derivados do enxofre (S).

O trabalhador ideal

Todo dia encontro um trabalhador que atende completamente as novas exigências do mercado capitalista. Na verdade conheço dois desses trabalhadores. Um homem e uma mulher. Eles espelham fielmente as exigências da sociedade capitalista e consumista em que vivemos. Eles não têm emprego com carteira assinada, uma vez que na sociedade pós-moderna é mais importante a empregabilidade que o emprego.

Como autônomos iniciam o trabalho antes das 6:40 horas da manhã. Não sei precisar exatamente a hora, pois neste horário é que os vejo. Mas reconheço em suas índoles a pontualidade. Todos os dias encontro esses heróis em seus postos de trabalho, mesmo quando as condições climáticas são adversas, portanto, atribuo a ambos a assiduidade.

Embora seus trajes sejam diferentes, ambos exibem uma mesma roupa adequada aos respectivos trabalhos durante os seis dias úteis de atividade, parecendo até que estão com uniformes. Isto é importante para caracterizar sua atividade, já que trabalham diretamente com o grande público.

Após quase 6 horas de atividade, ainda são gentis com os clientes. Respeitam os que não adquirem seu produto e abençoam os fregueses. São ágeis, apesar da idade avançada, tendo

uma perfeita noção de espaço e tempo para o exercício de seu labor. Não sei exatamente a hora que encerram o expediente, pois os vejo novamente às 12:00 horas, com o ânimo ainda de uma criança numa brincadeira.

Eles têm uma fisionomia estragada pelo tempo, mas, para o trabalho que exercem, isto é entendido como vantagem competitiva. Não chegam a expressar a felicidade, mas, pelo menos, é possível divisar em suas faces a serenidade. Eles escaparam do estresse e da depressão da sociedade moderna, embora estejam estabelecidos nos cruzamentos de maior poluição de nossa cidade.

Talvez, ao chegar em casa, eles vivam o mesmo drama da maioria dos brasileiros: a má alimentação, as péssimas condições de moradia, a violência doméstica, etc. Podem até conviver com o desemprego dentro da família e com as situações de droga e alcoolismo nas vizinhanças. Talvez eles estejam mais seguros em seus postos de trabalho do que em suas residências. Mas amanhã eles pegam cedo no trabalho. É o trabalho que separa a pobreza da miséria, portanto, nada pode ser questionado em relação a este “estilo de vida”.

Não sei se o trabalho tem uma boa remuneração ao final do dia, mas acredito que devam sentir-se gratificados por ter causado uma impressão em cada cliente, suscitando neles as virtudes cristãs adormecidas. Talvez, se fossem sociólogos, até pudessem traçar uma tipologia dos transeuntes a partir do que vêem e ouvem ao oferecer sua indigência.

Eles configuram a paisagem urbana de Teresina, mas não sei os seus nomes. Talvez, quando eu vier a saber, eles já não estejam mais lá. Seguramente, para trabalhadores dessa estirpe, não se tratará de férias e sim de doença ou morte. Então, naqueles semáforos da avenida Frei Serafim colocaremos o cartaz “Há vagas para mendigos”.

Um diálogo virtual sobre a condição feminina

Imaginei um diálogo virtual onde uma mulher fictícia, cujo nome foi retirado de uma obra de Shakespeare, expõe para um interlocutor distante seus lamentos e anseios. O objetivo é caminhar por temas que permeiam a nossa sociedade sobre os quais precisamos refletir, pois dizem respeito à condição da mulher (e do homem) em nossa sociedade.

.....
Desdêmona diz:

sem homem

sem família

trabalho 13 às vezes 15 h por dia

e ainda tem que dar atenção aos outros

Desdêmona diz:

faça um artigo sobre isso, sobre mim

diga que sou linda, independente, porém só,

e mostre para seus amigos solteiros

.....

A mulher hipotética imaginada neste diálogo pensa nos problemas que devem fazer parte do pano de fundo sobre o qual transcorre sua vida. Então vamos comentar o “diálogo”, carregando os nossos conceitos e preconceitos.

Homem. Um parceiro só faz falta na vida de uma mulher (“sem homem”), se o mesmo compartilhar com ela um modo de ver o mundo e um sonho de construir um futuro. Trocar a lâmpada de casa a mulher mesmo pode fazer ou contratar o serviço de alguém. Para as especificidades da relação homem-mulher, pode contar com a ajuda de algum amigo, colega, desconhecido ou até escalar alguma parede.

Família. As relações familiares mudaram nos últimos anos e são muito mais valorizadas (e idealizadas!) por aqueles que não as vivenciam na sua rotina diária. A família pode ajudar alguém a manter o equilíbrio ou ser causa de descompasso profissional ou afetivo. A família em si é valiosa quando nela se transpira um clima de respeito e amor mútuo, lembrando ao adulto, o tempo harmonioso que viveu junto com os irmãos e os pais.

Trabalho. O trabalho estafante constitui a maldição dos animais racionais que perderam o paraíso. Pior é não ter trabalho e andar mendigando auxílio por causa do desemprego. Mas o melhor mesmo é gostar do que faz no trabalho (e ainda ter tempo para escrever sobre a vida!).

Os outros. Dar atenção aos outros é o modo como podemos nos inserir na comunidade humana. Fazer isto com qualidade é o desafio de todos nós. Talvez este seja o grande objetivo de uma vida: ser significativo para os outros. Sejam filhos, parentes, amigos ou desconhecidos. Na verdade, este é o teor da parábola do Bom Samaritano, que marca a cultura judaico-cristã que herdamos.

Atrativos. Uma pessoa pode ser maravilhosa mesmo sem ser linda. Mas a independência e a solidão andam juntas, quem

tem um compromisso com outro, não é só, nem tem independência. Muitos desacordos nas relações surgem por não se pagar o preço do compromisso, que significa uma redução consentida na liberdade para não ser só.

Comunicação. O lamento em relação à vida não é a melhor peça de marketing para atrair solteiros, talvez o apelo a Santo Antônio ajude psicologicamente a ser menos exigente em relação aos potenciais parceiros.

A comunicação pelo computador (por exemplo msn) traz mais possibilidade e coragem para expor o drama humano. De fato, a mulher fictícia existe e o diálogo virtual foi real. Este texto foi uma tentativa de atender o seu pedido (“faça um artigo...”).

Um presente inusitado

Quando um velho de noventa anos, ainda lúcido, resolve se dar de presente “uma noite de amor louco com uma adolescente virgem”, cabe perguntar se ele sabe bem o que pode e o que não pode. Também não há outra opção senão recorrer a uma dona de uma casa clandestina para arranjar a “vítima”.

Gabriel Garcia Márquez é este velho fogoso que tem o “atrevimento” de contar uma paixão, pouco menos que platônica, no seu livro **Memória de minhas putas tristes**. Inventar histórias é a arte deste laureado escritor colombiano, nascido em 1928, portanto com idade próxima aos 80 anos.

Explicar uma paixão súbita de um ancião, apenas por dormir nu ao lado de uma virgem, é tentar explicar o próprio ser humano com suas contradições. Mas compreender porque isto ocorre na imaginação fértil de um escritor é mais simples. Enxergamos isto no nosso cotidiano, quando os velhos são taxados de senis apenas porque as “loucuras” do amor foram reservadas aos jovens.

O enredo é simples, a narrativa fácil de acompanhar, parece que os acontecimentos todos foram vividos pelo autor e não pelo personagem. A história é contada no presente, mas

chamando sempre as recordações do passado, como é próprio de uma pessoa idosa.

A história é viva porque seus personagens são conhecidos por todos, mesmo em Teresina, onde as empregadas domésticas, no passado, tiveram algo de Damiana, as donas de prostíbulos de luxo influentes lembram Rosa Cabarcas. E, principalmente, a venda do corpo por adolescentes fazem surgir as “Delgadinas”.

A prostituição infantil não se consoma no romance, na sua plenitude, visto que Delgadina é o suporte material de um amor virtual, fruto da carência afetiva de toda a vida do personagem. Quem viveu só e sem amor, não quer morrer só. Desespera-se. Vai ao fundo do poço para ter o que nunca teve. Comete “loucuras” por uma paixão, as quais se tornam mais loucas pela idade do personagem.

Quem não soube amar em toda vida não sabe estabelecer um diálogo. Delgadina não fala em toda a obra e o personagem assim o quer. Ela apenas dorme durante os encontros. O amor do ancião só encontra correspondência enquanto Delgadina dorme. Diferente da Bela Adormecida, se ela acordar, o final pode não ser feliz.

O ancião de Marquez é ativo e ainda escreve crônicas. Para um pobre gato já velho é aconselhado o sacrifício. Isto basta para uma reflexão sobre o que se faz com os velhos na sociedade. Nas crônicas dominicais, o personagem se revela um novo Quixote em defesa do amor por Delgadina. Qualquer assunto tem ela do começo ao fim. A paixão ferve em seus escritos e arrasta o público a polêmicas.

O horizonte de despedida perpassa toda a obra. O ponto mais eloqüente são as recordações da mãe falecida há muito tempo (Florina de Dios). Garcia Marquez não revela isto, mas sim a nossa experiência: existe alguma magia no ser mãe para explicar porque dela se recordam os anciãos na proximidade da morte. Talvez seja a lembrança do amor mais verdadeiro que tiveram na vida.

Notas do editor

- p.18 - O livro foi escrito para o público piauiense que conhece o refrão da música do Zé Pereira. Ele morreu de caganeira (diarréia).
- p.55 - Rua Olavo Bilac.
- p.69 - A fábula do rei nu refere-se uma história infantil “A roupa nova do rei” de Hans Christian Andersen.
- p.80 - Eterno retorno é um conceito filosófico formulado por Friedrich Nietzsche.
- p.106 - Farinhada é uma atividade coletiva e artesanal de fabricação de farinha a partir da mandioca.
- p.117 - Vitória de Pirro, é uma expressão utilizada para indicar uma vitória obtida a alto preço.
- p.136 - O W é uma alusão ao nome de Wellington Dias que na época em que foi escrito esta crônica estava disputando a reeleição ao governo do Estado do Piauí.
- p.138 - Um dos mendigos citados nesta crônica ficava no cruzamento da rua Desembargador Pires de Castro com avenida Frei Serafim. Esta senhora foi também objeto de outra crônica deste livro “A amizade dá ânimo”. O outro mendigo era um homem que ficava no cruzamento da avenida Frei Serafim com a avenida Miguel Rosa.